



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

ELISÂNGELA MARINHO BEZERRA

**JORNAL AQUARELA: A EXPERIÊNCIA DE UM TELEJORNAL VOLTADO PARA
O PÚBLICO INFANTIL**

Campina Grande, 2017

ELISÂNGELA MARINHO BEZERRA

**JORNAL AQUARELA: A EXPERIÊNCIA DE UM TELEJORNAL VOLTADO PARA
O PÚBLICO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências legais para a obtenção do título de bacharel em comunicação social.

Orientador: Prof. Ms. Raul Ramalho de Melo.

Campina Grande, 2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B574j Bezerra, Elisangela Marinho.

Jornal aquarela [manuscrito] : a experiência de um telejornal voltado para o público infantil / Elisangela Marinho Bezerra. - 2017.

80 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2017.

"Orientação : Prof. Me. Raul Augusto Ramalho de Mello, Coordenação do Curso de Jornalismo - CCSA."

1. Telejornalismo . 2. Jornalismo infantil . 3. Psicologia infantil . 4. Educomunicação . 5. Mídia infantil .

21. ed. CDD 070.195

ELISÂNGELA MARINHO BEZERRA

**JORNAL AQUARELA: A EXPERIÊNCIA DE UM TELEJORNAL VOLTADO PARA
O PÚBLICO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências legais para a obtenção do título de bacharel em comunicação social.

Aprovada em: 19/12/2017

BANCA EXAMINADORA

Raul Augusto Ramalho de Melo

Prof. Ms. Raul Ramalho de Melo
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB
Orientador

Ada Késsea Guedes Bezerra

Profa. Dra. Ada Késsea Guedes Bezerra
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB
1º Examinador

Rômulo Ferreira de Azevedo Filho

Prof. Ms. Rômulo Ferreira de Azevedo filho
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB
2º Examinador

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois foi quem me ajudou em cada momento deste trabalho, desde a escolha do tema, bem como nos períodos em que acreditei que não conseguiria concluí-lo. A virgem Maria que trouxe paz ao meu coração nos momentos de angústia. A minha mãe, Maria Marinho, ao meu pai Antônio Bezerra (In memoriam), aos meus irmãos Edson Marinho e Wellington Marinho e as minhas cunhadas Fernanda Marinho e Poliana Marinho. Cada palavra de incentivo foi decisiva durante o trabalho.

À professora Ada Guedes, a primeira pessoa com quem conversei sobre o tema. Pensamos, a priori, em fazer uma monografia sobre o assunto, mas por intercessão divina, acredito eu, ela me incentivou a produzir um produto midiático, um desejo que já vinha sendo nutrido dentro de mim.

À professora Lucillen Lima, que por muito tempo foi a orientadora oficial do trabalho, e quando precisou deixar essa função não me abandonou totalmente e contribuiu de forma significativa para a produção do telejornal. Não cabe em meu coração a gratidão que sinto por todos os direcionamentos, conselhos, incentivos, correções e orientações. Esse trabalho tem muito dessa profissional.

À professora Robéria Nádia que me auxiliou com seus conhecimentos durante a elaboração do projeto de pesquisa. E a todos os professores que estiveram presentes na minha graduação. Concluo essa etapa da vida com a certeza de que levo um aprendizado de cada mestre que percorreu esse caminho comigo. À eles a minha mais sincera gratidão.

A Asley Ravel que mesmo com tantos compromissos se dispôs a gravar todas as matérias. À sua filha Pétala Arcílio que se tornou repórter do telejornal e o deixou mais harmonioso. A Winnie Araújo que editou todo o material. A ThácioMaycon que criou a logomarca do telejornal.

Às minhas amigas-irmãs, Andressa Soares e Fabiana Nário, que ajudaram na correção do relatório. A todos os outros amigos que sempre me incentivaram com palavras otimistas bem como meus familiares e companheiros de trabalho. Essas pessoas são valiosas para mim, e a elas serei eternamente grata, pois contribuíram para a realização de um sonho.

Ao professor Raul Ramalho porque mesmo com tantas obrigações aceitou o convite para a orientação deste produto quando a professora Luciellen não pôde mais. A minha gratidão por cada conhecimento compartilhado.

Ao professor Rômulo Azevedo por ter aceito o convite para fazer parte da banca examinadora.

À psicopedagoga Ana Olmos, que me apresentou o projeto Wadada, que produz produtos jornalísticos para crianças ao redor do mundo e serviu como base para o Jornal Aquarela. Aos psicólogos Gabriel Rollim e Lais Santos que me indicaram leituras sobre o desenvolvimento da inteligência na criança. A uma grande amiga, estudante de psicologia, Kássia Leal, que pegava o máximo de livros que podia sobre psicologia infantil na biblioteca da UFCG.

E a todos os entrevistados que contribuíram de forma magnífica para as reportagens, se adequando ao produto e buscando educar as crianças com seus conhecimentos.

A pressa pode nos retirar da pedagogia do caminho. Chegar não é o mais importante. É no ir que aprendemos.

Pe Fábio de Melo

RESUMO

O objetivo deste trabalho é oferecer um telejornal para crianças, no qual toda produção foi adaptada levando em conta o público-alvo do produto midiático. Os critérios de noticiabilidade, a linguagem e as formas de divulgações das matérias têm por interesse atender às necessidades do receptor. O estudo é amparado pelo direcionamento teórico encontrado dentro do campo do jornalismo e da psicologia infantil. Chamamos a atenção para o poder e a responsabilidade educativa que a televisão tem e ao fim oferecemos um telejornal que busca atender as demandas de uma das fases mais importantes da vida: a infância. Existe uma reflexão central entre crianças e mídia, discussão explanada a partir da metodologia de pesquisa grupo focal que foi aplicada para entender essa relação. Com a constatação de que os meios de comunicações têm o poder de gerar sentidos, assim tornando-se emissores de conhecimentos, elaboramos então um produto midiático que leva em consideração as singularidades do seu receptor para com esta iniciativa gerar cidadãos críticos e participativos na sociedade, como sugere a educomunicação. O trabalho apresenta um telejornal ininterrupto com quatro notícias que tem a finalidade de informar e educar o público alvo.

Palavras-chave: Televisão; Criança; Psicologia Infantil; Jornal Aquarela.

ABSTRACT

The objective of this work is to offer a TV news program for children, in which all production was adapted to take into account the audience of the media product. The newsworthiness criteria, the language, the forms of divulgation of the items has the interest to meet the needs of the recipient. The study is supported by theoretical guidance found within the field of journalism and child psychology. We call the attention to the power and to the educational responsibility that the television has, and in the end we offer a TV news program that seeks to meet the demands of one of the most importante phases of life: the childhood. There is a central reflection, from the research methodology focus group that was applied to understand the relationship between childhood and the media. With the realization that the means of communication have the power to generate meanings, thus becoming emitters of knowledge, we then elaborate a media product that takes into account the singularities of its receptor to, from this initiative, generate critical and participatory citizens in the society, as educommunication suggests. The work presents an uninterrupted TV news program with four items aimed at informing and educating the target audience.

Keywords: Television; Child; Child Psychology; Aquarela News.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
OBJETIVOS.....	11
JUSTIFICATIVA.....	11
JUSTIFICATIVA PESSOAL.....	14
ORÇAMENTO.....	16
CRONOGRAMA.....	17
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
1.1. A prática do telejornalismo - Elaboração e execução de um telejornal.....	18
1.2. Produção.....	20
1.3. Educomunicação – Prática de propagação do saber.....	23
1.4. Psicologia infantil – O desenvolvimento da inteligência na criança.....	25
1.5. Mídia e crianças - Uma reflexão sobre o vínculo televisão e público infantil.....	28
1.6. Metodologia de pesquisa grupo focal - Justificativa.....	31
1.7. Grupo focal.....	32
2. PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO.....	38
2.1. Pré-produção.....	38
2.2. Primeira matéria gravada - Violência/sexual/crianças.....	40
2.3. Segunda matéria gravada - Internet/dicas e cuidados/crianças.....	42
2.4. Terceira matéria gravada - Aula de educação física/importância.....	43
2.5. Quarta matéria gravada - Alimentação/saudável/crianças.....	44
2.6. Edição.....	46
2.7. Nome Jornal Aquarela.....	46
2.8. Logomarca.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS.....	50
APÊNDICES.....	53

INTRODUÇÃO

Os meios de comunicação transmitem informações, ideologias, conhecimentos etc. Charaudeau(2010) ressalta que a ação de informar parece ter se tornado restrito ao “domínio reservado de um setor particular, as mídias”. As pessoas recorrem diariamente aos mais variados meios para receberem notícias e depositam confiança nesses veículos quando conseguem as informações que desejam. A partir deste momento surge o poder que as mídias exercem sobre a sociedade. A televisão é um dos meios que mais obtêm êxito no que diz respeito à influência perante o receptor, pelo poder de convencimento alcançado através de sua particularidade mais significativa, a imagem. A TV utiliza-se muito bem de seus recursos visuais, elemento que a fez ser aceita de forma imediata em um mundo que era informado através do impresso e do rádio. O aparelho mágico que permite olhar nos olhos de quem informa conquistou seu espaço de forma extraordinária.

É possível encontrar uma variedade gigantesca de conteúdos transmitidos pela televisão para os mais variados públicos, entre eles o infantil. Desenhos animados, programas para as crianças, filmes, reality shows, entre outros. Mas não são tão comuns produções jornalísticas pensadas para as crianças, é possível perceber algumas iniciativas como a do grupo Wadada. Uma corporação que produz produtos audiovisuais com cunho informativo e educativo para crianças. A instituição trabalha através de parcerias ao redor do mundo, tendo o apoio de veículos de comunicação para divulgação do que é produzido. No Brasil essa relação acontece por meio do Canal Futura com o repórter Rá-Teen-Bum.

Todos os públicos têm suas singularidades e as crianças se apresentam em uma fase importante da vida, no qual existe o desenvolvimento da inteligência, a construção do saber, a modificação do conhecimento que adquirem. É um momento para tomar posse do que recebem, as informações absorvidas passarão por transformações internas, sendo depois externadas para o meio em que vivem. Por isso a importância daquilo que nossas crianças têm recebido da sociedade em geral, mas o trabalho em questão chama a atenção para o que a televisão, devido a inegável influência que exerce, tem oferecido a esse público com suas nuances e particularidades.

O produto editorial a ser apresentado traz esse diferencial. Com cunho jornalístico numa perspectiva educativa, e com características audiovisuais, o trabalho é voltado para as crianças. Um telejornal para elas e com participação delas. Adaptações foram feitas para se adequar ao público do jornal, fugimos da linha do tradicional e oferecemos um produto com uma linguagem moldada ao receptor, com explicações diferenciadas, para corroborar com a

compreensão satisfatória do telespectador. Para conseguir produzir tal intento procuramos, a priori, saber como se desenvolve a inteligência humana, nos atendo a fase da infância, para tomarmos conhecimento de como funciona o desenvolvimento infantil, quais as limitações e potencialidades desse grupo. Inúmeros autores que estudam a psicologia infantil foram considerados, Piaget, Vygotsky, entre outros, nos amparando com mais fidelidade a teorias interacionistas que trabalham com o entendimento de que o desenvolvimento acontece a partir da relação com o meio externo.

Por se tratar da produção de um telejornal utilizamos as mais variadas considerações teóricas sobre a prática. E para embasar o produto editorial foi aplicada a metodologia de pesquisa Grupo Focal, quando conversamos com 8 crianças, para conhecer melhor a relação mídia e infância, ressaltando que quando falamos em mídia nos atemos apenas a televisão e dentro desse meio às produções jornalísticas.

É importante ressaltar que a infância vai de 0 aos 12 anos, e por saber que em cada uma dessas idades existe inúmeras peculiaridades, a experiência é voltada para crianças de 7 a 10 anos, dentro da fase denominada por Piaget de operações concretas, na qual o indivíduo começa o processo de efetivação da inteligência adquirida em fases anteriores e o conhecimento absorvido nesse momento da vida servirá como base para fases futuras.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

- Produzir um telejornal para o público infantil com idade entre 7 a 10 anos.

Objetivos Específicos

- Compreender a relação do público infantil com a mídia;
- Criar uma linguagem jornalística própria para o público infantil, com idade entre 7 a 10 anos;
- Conhecer na prática e na teoria, como é produzido um telejornal.

JUSTIFICATIVA

O aparelho de televisão está presente em cerca de 97,4% dos domicílios brasileiros, segundo a última pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgada

este ano. A portaria do Ministério da Justiça nº 1.220/2007 obriga as emissoras de televisão a informar a faixa etária adequada para a programação que está sendo exibida, mas isso não inclui os jornais. Talvez porque se acredita que programas noticiosos são fundamentais para qualquer idade. O que de fato é verdade, todos precisam estar bem informados.

Mas é preciso que a mídia observe as particularidades de cada público, levando em consideração que crianças estão em fase de construção da personalidade e do caráter. De que forma os telejornais podem contribuir para o desenvolvimento desses seres humanos? “A criança é parte de uma unidade solidária em todas as etapas de sua evolução, feita de contrastes e conflitos, sensível a mudanças. Na sucessão de suas idades, é um mesmo e único ser em processo de metamorfose” (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2006, p. 173).

O Painel Nacional de Televisão, do Ibope Media, divulgou uma pesquisa¹ em 2015 na qual se revela que foi constatado que o tempo médio por dia que crianças e adolescentes passam em frente à televisão tem subido gradativamente. Em 10 anos, entre 2004 e 2014 registrou-se um aumento de 52 minutos. Crianças e adolescentes entre 4 e 17 anos, de 15 regiões metropolitanas do Brasil participaram da pesquisa. Em 2004 o tempo médio por dia de exposição à TV foi de 4h43, no decorrer dos anos esse número aumentou e em 2014 chegou à 5h35.

O nosso trabalho busca mostrar como a forma utilizada pelos noticiários para informar é inadequada para crianças. Os telejornais, em sua maioria, oferecem opiniões prontas que são brutalmente levadas ao telespectador sem que ele tenha tempo de filtrá-las e refletir sobre elas. Como então nossas crianças desenvolverão opiniões e pensamentos críticos?

Não é dado ao telespectador, no caso, as crianças, a oportunidade de refletirem sobre as questões ou não se lhes oferece ferramentas para que possam reelaborar suas concepções. Tem-se a impressão de que todo o programa foi montado de forma a privar as crianças dessas possibilidades (BARROS FILHO, 2011, p. 8).

Por isso defendemos a criação de um telejornal feito exclusivamente para o público infantil, projeto esse que já existe em outros países, como Espanha, Portugal, Inglaterra, entre outros. No ano passado, o grupo responsável pela produção desses conteúdos jornalísticos no mundo, Wadada, lançou a versão brasileira, exibida no canal Futura, aos sábados, denominado Repórter Rá-Teen-Bum.

¹ <http://criancaconsumo.org.br/noticias/tempo-diario-de-criancas-e-adolescentes-em-frente-a-tv-aumenta-em-10-anos/>

Daí a relevância desse estudo para a área da comunicação e a sociedade de modo amplo. No meio acadêmico a contribuição é inestimável, tendo em vista que parte considerável dos estudos que existem sobre a relação da criança com a mídia trata exclusivamente da publicidade e propagandas pelos meios de comunicação. Já os estudos que criticam a superficialidade dos telejornais, quase nunca citam o público infantil como telespectador, conseqüentemente não apresentam soluções para melhor informar as crianças. O nosso trabalho apresenta e argumenta esses dois pontos: a inadequação dos telejornais existentes para o público infantil e a necessidade de um produto audiovisual de cunho jornalístico voltado para a criança.

As crianças não são seres inertes na sociedade, a participação do público infantil deve ser estimulada o mais precocemente possível. Os telejornais devem instigar a participação das crianças em assuntos importantes da sociedade, porque presumimos assim que se tornarão adultos ativos em busca de seus direitos e no cumprimento de seus deveres. “As crianças, tinham, e têm, um direito à participação social” (CARVALHO, 2012, p. 9).

Parece que teimosamente, elas tanto insistam em conhecer, participar, acompanhar, entender e questionar os fatos mais marcantes do mundo em que vivem quanto sejam capazes de apresentar um olhar autoritário sobre esse mesmo mundo, sobre as ordenações que lhe são impostas pelos adultos próximos e pela televisão. Desse modo, as crianças demonstram não sucumbir às semióticas dominantes sem crítica, garantindo seu espaço como ativos interlocutores com o que os programas televisivos lhes ofereciam, nos quais identificaram os telejornais e as notícias (CARVALHO, 2012, p. 136).

Existe a necessidade de uma mídia educativa, que cumpra suas responsabilidades sociais, sua obrigação, que é contribuir para o desenvolvimento da sociedade. Uma instituição denominada quarto poder, deve ter o comprometimento social perante seu público, ainda mais quando são crianças. “A respeito das mídias o poder que se pode falar é o de uma influência através do fazer saber, do fazer pensar e do fazer sentir” (CHARAUDEAU, 2010, p. 124). É importante ressaltar que tais obrigações, não são apenas anseios de quem luta por uma mídia melhor, mas estão previstas em lei.

A Constituição Federal, ao abolir categoricamente a censura, enunciou no Artigo 221 que: A produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios: I – preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas; II – promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação; III – regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei; IV – respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família (Brasil, 1988)(MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2006, p. 67).

Na elaboração do nosso produto midiático desenvolvemos uma linguagem própria, de fácil compreensão, respeitando as particularidades da idade para qual o telejornal foi criado, crianças de 7 a 10 anos. Desejamos estimular a compreensão infantil sobre o que acontece na sociedade, sempre incentivando o pensamento crítico desses seres, pregando os valores, o respeito, e a importância da participação para que a comunidade na qual estão inseridas possa se desenvolver.

Justificativa Pessoal

No desejo de trazer contribuições consideráveis para o jornalismo brasileiro, e na busca por um assunto pouco trabalhado na área, descobrimos poucos estudos sobre a relação das crianças com as notícias. Em uma entrevista da psicopedagoga Ana Olmos em um programa da TV Brasil², o Ver TV, em outubro de 2014, tomamos conhecimento da existência de telejornais produzidos para crianças em outros países. O tema muito nos chamou a atenção. A forma como a notícia é trabalhada nesses programas é admirável.

Pensando nisso decidimos aprofundar os estudos sobre o assunto. Recorremos a referências bibliográficas sobre como a criança se relaciona com a mídia, sobre o desenvolvimento de sua inteligência, a responsabilidade dos veículos de comunicação perante a sociedade, e cada vez mais nos convencemos de que era necessário um produto jornalístico voltado para o público infantil. Precisamos reconhecer como as crianças são personagens importantes na sociedade, e como elas podem contribuir para um mundo melhor. Essa é a finalidade do produto midiático.

O nosso intuito é oferecer um produto jornalístico de qualidade, que muito mais do que informar, possa educar nosso público alvo. Acreditamos em uma sociedade melhor, mais justa, mas isso só é possível se cuidarmos bem daqueles que serão responsáveis por ela. Estimular o pensamento crítico, a participação social, o respeito aos próprios direitos e aos do outro, o cumprimento dos deveres e principalmente a compreensão da sociedade em que vivemos, esses são os objetivos que desejamos alcançar com o trabalho em questão. Não conseguimos visualizar com clareza esses pontos no jornalismo produzido atualmente ao qual o público infantil tem acesso.

Então porque não produzir um produto jornalístico com características próprias para a idade em questão? Com o intuito de informá-las e educá-las para que possam chegar na etapa

² <https://www.youtube.com/watch?v=Z9Untykmou4>

posterior com o melhor embasamento social possível, porque segundo Piaget (1896) é na fase seguinte que a personalidade até então construída será finalizada, e que tipo de personalidade desejamos que essas crianças formem?

ORÇAMENTO

Descrição	Valor
Cinegrafista	R\$ 100,00
Editora	R\$ 300,00
Impressões	R\$ 25,00
Viagem-UEPB	R\$ 60,00
Matéria Alimentação Saudável	R\$ 20,00
Despesas Totais	R\$ 505,00

Tabela 01 – Orçamento de custos

CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES

ETAPAS	ANO	MÊS
Escolha do tema	2014	xxxx
Levantamento bibliográfico	2015	xxxx
Elaboração do anteprojeto	2016	Outubro
Levantamento de fonte bibliográficas	2016	xxxx
Desenvolvimento das pautas	2017	Agosto
Gravação de entrevistas	2017	Setembro e outubro
Relatório técnico	2017	Novembro
Edição	2017	Outubro, novembro e dezembro
Produção do relatório	2017	Novembro
Revisão e redação final	2017	Dezembro
Entrega do produto midiático e relatório	2017	Dezembro
Defesa do TCC	2017	Dezembro

Quadro 01 – Cronograma de atividades

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A prática do telejornalismo - Elaboração e execução de um telejornal

A prática de fornecer informações vem desde os primórdios da existência humana, das mais variadas formas, pinturas em rochas, sinas de fumaça, entre tantas outras, no período denominado Pré-História. Os séculos passaram e essa ação foi sendo sistematizada, a informação se transformou em notícia. Ao longo do tempo, esse processo ocorreu através de vários meios. Primeiro, o impresso com a revolução de Gutenberg em 1455. Já no fim do século XIX vieram as ondas Hertzianas, com as quais se deu início à era do rádio. No século passado, o mundo passou a obter imagem e som em um mesmo canal, a televisão. E por fim, a internet que permitiu a convergência de todas essas mídias (PATERNOSTRO, 2006).

Sobre a televisão, insumo principal do nosso trabalho, Paternostro (2006, p. 20) diz que [...] “o homem na sua ânsia de vencer barreiras no tempo e no espaço, os queria mais velozes e eficazes. É nesse processo que surge a televisão, com a informação na sua forma mais dinâmica e universal: a imagem”. Ainda conforme a mesma autora, não é possível precisar quem inventou a TV, pois vários foram os responsáveis pela criação e difusão desse meio que teve estudos iniciados no século XIX, mas foi no período seguinte que a sua ascensão aconteceu. A televisão evoluiu de forma veloz, melhorando seu sistema de luz, cores, estando hoje na sua era digital.

No Brasil chegou na década de 50 através do grande empresário das comunicações Assis Chateaubriand. A primeira emissora foi a TV Tupi, inaugurada em São Paulo. Linguagem, personagens e muitos outros elementos foram copiados do rádio (PRADO, 1996). O primeiro Telejornal que podemos destacar foi o Imagens do Dia, depois o Repórter Esso, programa radiofônico que migrou para a televisão e fez sucesso durante anos. O primeiro jornal em cadeia foi o Jornal Nacional, exibido pela primeira vez em 1969 (PATERNOSTRO, 2006). “A programação diária de notícias se transformou em parte integrante da cultura de cada sociedade que incorporou a televisão” (YORKE, 2006, p.3).

A revolução tecnológica proporcionou uma nova forma de produzir notícias, de captar imagens, houve a introdução das cores e a reprodução do conteúdo também mudou. Hoje é possível fazer uma reportagem em qualquer lugar do mundo e transmitir ao vivo, através de correspondentes, agências de notícias e dos mais variados aportes técnicos que permitem tal

ato. Sem contar as novas formas que o jornalista atualmente dispõe para levantar dados, buscar fontes, etc.

O jornalismo produzido pela TV tem características muito particulares, mas sem dúvida a que devemos primeiro destacar é a imagem. “Quando o telespectador liga a televisão para assistir a um telejornal ele quer se informar, saber as notícias. E sabe que será por meio de imagens” (PATERNOSTRO, 2006, p. 85). A TV é reconhecida como testemunhaocular da história (TEMER, 2005). E é graças aos recursos visuais que a televisão se sobressai a alguns meios de comunicação, como o rádio. Como duvidar daquilo que se vê? A imagem é o recurso mais importante da TV, núcleo da sua célula, a razão de sua existência e deve ser aproveitada ao máximo, porque ela permite ao telespectador uma recepção exitosa a respeito do que é divulgado. “A TV possui uma linguagem que independe do conhecimento de um idioma ou da escrita. A imagem é o signo mais acessível à compreensão humana. A TV mostra e o telespectador vê: ele entende, se informa e amplia o conhecimento” (PATERNOSTRO, 2006, p. 75).

Outra singularidade da televisão é a linguagem que deve ser simples, clara, para que todos os públicos possam compreender. A televisão deve falar com os telespectadores “de maneira coloquial, direta, com frases curtas para facilitar o entendimento” (BISTANE; BACELLAR, 2005, p.15). Todo o texto narrado deve conspirar para a compreensão imediata do telespectador, o texto impresso pode ser relido, o da TV não, “o maior crime que qualquer jornalista pode cometer é deixar parte da audiência confusa em relação ao significado do que foi dito” (YORKE, 2006, p. 59).

Através da linguagem, visual e falada, o receptor precisa sentir que o apresentador ou repórter fala exclusivamente para ele, sentir que toda a informação que está sendo dada foi construída para que ele ficasse bem informado. “A melhor coisa é imaginar que está contando uma notícia para um amigo” (VILLELA, 2008, p. 177). Usamos como base o conceito mais antigo para se contar uma história, a narrativa comendo começo, meio e fim. As duas linguagens, visual e falada, devem colaborar para a plena absorção do conteúdo por parte do público.

A informação transmitida pela televisão trouxe esse grande diferencial, através de um meio de comunicação utilizamos dois dos sentidos do corpo humano, audição e visão, ver e ouvir alguém ao mesmo tempo. Não é mais necessário que a mente tente elaborar como é o rosto daquele que fala, como acontece no rádio. Na TV o que fala é o mesmo que olha nos olhos, isso permite uma intimidade inimaginável com o público.

É preciso conversar com o receptor. Quando falamos em linguagem simples é preciso distinguir de vocabulário pobre. Nesse caso, simplicidade está ligada a escolha certa das palavras. O telespectador jamais deve ser subestimado. Aqui vale salientar a importância do texto para a TV, que não deve narrar e sim complementar o que está sendo transmitido, destacando informações que as imagens não trazem. O texto na TV, mais do que em qualquer outra mídia, deve ser bem elaborado, jamais ser redundante, deve sempre completar o que é visto e não narrar. “Na TV, as imagens se encarregam de descrever os fatos, e o jornalista precisa aprender apenas a contar como as coisas aconteceram sem ficar preso a minúcias” (VILELLA, 2008, p. 23). Imagem e argumento, uma junção perfeita para um meio de comunicação. O que é dito é reforçado pela imagem. Isso contribui de forma considerável para a crença do telespectador no tocante ao que foi divulgado.

Baseado nessa proximidade que ambas as linguagens permitem é preciso destacar a figura do apresentador que contribui para a compreensão satisfatória do que é veiculado e levado ao público. Na maioria dos casos ele tem credibilidade e confiabilidade perante o receptor, o que gera um acolhimento positivo por parte das pessoas.

1.2 Produção

Inúmeras pessoas estão envolvidas na produção dos telejornais que assistimos. Técnicos, produtores, repórteres, apresentadores, entre outros. Seguindo uma linha de hierarquia podemos destacar o editor chefe, ele é quem decide o que vai ao ar ou não, e como vai. O editor chefe diz o que merece mais destaque, o que pode ser descartado, o que merece a ida de uma equipe de reportagem, o que pode ser informado através de nota pelada, enfim, toda a estrutura do programa é definida por esse profissional (VILELLA, 2008).

O produtor faz o levantamento do que está acontecendo, colhe dados, informações e produz pautas, que são roteiros sobre os assuntos que serão abordados na reportagem, onde contém um resumo sobre o tema e sobre os possíveis entrevistados e também faz indicações de como a matéria deve ser produzida (PATERNOSTRO, 2006). O produtor imagina a matéria e coloca na pauta o que pensou para que o repórter possa materializar. As pautas são apresentadas nas reuniões diárias da equipe. O editor chefe diz como cada assunto deve ser tratado e designa qual repórter irá cobrir o quê. O produtor tem como uma de suas missões facilitar o trabalho do repórter, oferecendo para ele todos os insumos possíveis para a elaboração da matéria, como dados sobre as fontes, locais de gravação, entre outras

informações que vão agilizar as tarefas de quem vai para a rua (VILELLA, 2008). “Ele é o responsável por múltiplas atividades que podemos denominar logística de jornalismo” (VILELLA, 2008, p.103).

Tendo nas mãos as primeiras informações é hora de ir para a rua, dá vida à matéria para que ela seja levada ao telespectador da melhor maneira possível. Durante o “processo da notícia estão os jornalistas, iluminadores e cinegrafistas, os quais serão responsáveis pelo fornecimento da maioria do material bruto. Repórteres e correspondentes conseguem a matéria, conduzem as entrevistas e gravam cenas [...]” (YORKE, 2006, p. 39).

É fácil perceber que cada função é fundamental no jornalismo, uma está diretamente ligada a outra, mas o papel do repórter merece um destaque especial. Vilella (2008) diz esse profissional está na linha de frente do trabalho jornalístico, é ele quem vai às ruas, realiza boa parte das entrevistas, escreve o texto, grava o off³ e nos dias atuais, com a convergência das mídias e os dispositivos móveis, a tendência é que cada vez mais também faça as imagens e edite o material. O repórter deve humanizar a informação.

O jornalista repórter é o operário da notícia, impulsionado por ela. Representante de jornais, revistas, rádios, televisões e portais na internet, é ele quem vai a todos os lugares - entrando e saindo, muitas vezes sendo impedido de prosseguir- mas sem nunca desistir, seguindo sempre em busca da notícia, como olhos e ouvidos de uma instituição distinta e independente denominada jornalismo (VILELLA, 2008, p. 48).

Imagens gravadas, entrevistas realizadas, passagens⁴ feitas, é hora de editar o material. “É com edição que uma reportagem ganha formato final para ir ao ar. O texto jornalístico na televisão está, portanto, ligado à edição” (PATERNOSTRO, 2006, p.162). Na edição são escolhidas quais das imagens gravadas ficarão e as que serão cortadas, em uma entrevista quais os pontos mais importantes abordados pelo entrevistado, a passagem do repórter, o off, entre outros elementos, se forem necessários, como música, infográficos, etc. Paternostro (2006) diz que editar é dar sentido ao material bruto. A edição, em resumo, é a organização do material feito pelo repórter e cinegrafista, para ser levada ao telespectador de uma forma clara e precisa.

De acordo com Paternostro (2006) para se iniciar a edição a primeira coisa a ser feita é decupagem, uma análise de todo o material vindo da rua, das imagens gravadas, da(s) entrevista(s) realizada(s), da passagem do repórter, sempre anotando o tempo de cada

³ Off- Texto lido pelo apresentador, locutor ou repórter e coberto com imagens.

⁴ Passagem- Gravação feita pelo repórter no local do acontecimento, com informações, para ser usada no meio da matéria.

composição desse material, para saber onde está cada informação, o que pode ser evidenciado, o que deve ser descartado, as imagens que devem ser valorizadas, as que não são boas, a ordem dessas imagens, o que faltou, o que sobrou, enfim.

Em tese podemos dizer que é um olhar clínico do editor sobre o que foi feito pelo repórter e cinegrafista, para daí idealizar a montagem do material. “É dele a primeira visão crítica sobre o que o repórter e o cinegrafista fizeram na rua” (BISTANE; BACELLAR, 2005, p.22).

Paternostro (2006) destaca que é importante o editor ter em mente qual será a cabeça⁵ da matéria, que será lida pelos apresentadores, a informação não deve se repetir. O que é dito pelos apresentadores é o começo da reportagem.

Quem realiza esse trabalho, em tese, são dois profissionais, o editor de texto e o editor de imagem. Tudo acontece na ilha de edição. “O processo é simples: sons e imagens são colocados da forma como se deseja” (PATERNOSTRO, 2006, p.164). É importante ressaltar que não apenas as imagens gravadas na rua pelo cinegrafista e repórter podem ser colocadas na edição. A editoria de arte pode ajudar a esclarecer alguns assuntos mais complexos, como economia, por exemplo, ou quando a captação de imagens não foi possível. Os infográficos são muito utilizados no jornalismo atual. Se necessário, o editor de imagem pode recorrer aos arquivos da emissora, se acreditar que alguma imagem guardada pelo meio de comunicação ao qual faz parte vai enriquecer a matéria que está em produção.

Paternostro (2006, p. 165) faz uma ressalva importante, destacando que não existe um modelo ou formato a ser seguido, cada editor tem um jeito próprio de realizar esse trabalho. “A edição de uma matéria é totalmente subjetiva”.

Em resumo bem preciso essas são as funções desempenhadas no telejornalismo: apresentador, produtor, repórter e editores. É óbvio que existem vários outros profissionais envolvidos nesse processo, e que sem o desempenho dessas funções a exibição de um telejornal não seria possível, como os câmeras, o gerador de caracteres, o técnico da mesa de som, e tantos outros, isso a depender da emissora e do porte que ela tem.

Abaixo seguem definições sobre alguns termos empregados no telejornalismo, de acordo com Bistane e Bacellar (2008):

- Escalada – Manchetes sobre os principais assuntos do dia que abrem o jornal. São frases curtas cobertas ou não com imagens;

⁵ Cabeça – Texto lido pelo apresentador para chamar a matéria. Geralmente, contém as informações mais relevantes da reportagem que será mostrada a seguir.

- Espelho- Previsão do que será o jornal, com a ordem de entrada das matérias e o tempo estipulado para cada uma delas. Ajuda a equipe a visualizar o conjunto da obra e o editor-chefe a não estourar o tempo previsto para o jornal;
- Gerador de Caracteres – Equipamento para inserir indicações escritas sobre imagens. Podem ser os nomes e as profissões dos entrevistados, tarjas com números citados numa reportagem ou a identificação do local de onde fala o repórter;
- Ilha de Edição – Ambiente onde ficam os equipamentos de videoteipes para a montagem das matérias;
- Nota Seca ou Pelada- Texto curto sem imagem, lido ao vivo pelo apresentador;
- Nota Coberta – Texto coberto com imagens. Pode estar gravado;
- Nota Pé- Vem depois da matéria e traz informações complementares;
- Retranca- Indica o assunto da matéria;
- Switcher – Sala de controle com mesa de corte. É de onde o diretor de TV e o editor chefe coordenam as entradas das matérias, dos links e o movimento das câmeras do estúdio;
- Teaser- Texto curto, gravado pelo repórter para chamar a matéria na escalada. Podem ser usadas também cenas do VT que mereçam destaque;
- Telepronter- Equipamento adaptado às câmeras de estúdio que permite a visualização dos textos, lidos à distância por quem está na bancada;
- VT ou Videoteipe- Equipamento eletrônico que grava o sinal de áudio e vídeo.

1.3 Educomunicação – Prática de propagação do saber

A participação social sempre foi considerada iniciativa transformadora do meio em que vivemos e ao longo dos últimos anos intervenções surgiram para fomentar tal prática. Entre essas inovações destaca-se a Educomunicação. Dois campos (Educação e Comunicação) sempre exerceram hegemonia perante a sociedade e essa união permitiu a perspectiva de uma mudança revolucionária gerando um empoderamento em cada cidadão através de novas possibilidades de expressão permitindo o “acesso aos saberes sociais significantes” (SOARES, 2006, p. 14). A relação dessas áreas vem se estreitando cada dia mais, se tornando íntima e dialógica e hoje é possível perceber inúmeras ações educacionais que já fazem parte do cotidiano das pessoas que agora dispõem de mais um canal para dialogar com o mundo.

Trata-se de um campo de intervenção social que se fundamenta na reflexão crítica sobre os modelos tradicionais de comunicação, de educação e de envolvimento com as questões sociais, e que contribui para a motivação dos atores sociais envolvidos nas temáticas socioambientais por meio da ampliação do potencial de expressão de seus interesses (SCHAUN, 2002; SOARES, 2004, *apud*, TOTH, MERTENS, MAKIUCH, 2012, p. 114).

A educomunicação é um campo almejado por inúmeros estudiosos das duas áreas há décadas, mas práticas educacionais são relativamente recentes. Aqui no Brasil ao longo dos anos 90 é possível encontrar registros de algumas através de cursos de extensões de faculdades. Não há datas específicas sobre seu surgimento, mas é referenciado o ano de 1999 onde pela primeira vez o termo foi mencionado (SOARES, 2011).

A comunicação é uma necessidade básica do indivíduo que sempre utilizou inúmeras formas para dialogar desde a pré-história, e ao longo dos períodos com os meios de comunicação isso foi sendo intensificado. No mundo globalizado as mídias ganharam papel de destaque gerando grande influência perante a sociedade e devido a isso foi possível perceber o seu potencial educativo. Soares (2011, p. 17) diz que “toda comunicação – enquanto produção simbólica e intercâmbio/transmissão de sentidos- é, em si, uma ação educativa”.

Não é difícil concluir a importância que esses territórios (Comunicação e Educação) exercem sobre a sociedade global: “tanto comunicação quanto educação são campos historicamente constituídos, definidos, visíveis e fortes” (SOARES, 2000, p. 18). A finalidade da educomunicação é gerar mobilização e participação social.

O elo entre educação e comunicação se materializa ao questionar não apenas o compromisso político-pedagógico da mensagem, forma e conteúdo e intenção explícita de comunicar. Mas, também ao questionar o potencial dos ambientes criados a partir das tecnologias educacionais informatizadas em sua capacidade de promover a integração e a participação democrática de todos os indivíduos aos benefícios que produzem (SOARES, 2006, p. 15).

Chama a atenção nessa área as inúmeras possibilidades para que essa interação aconteça. Muitas são as práticas educacionais, desde cursos a distância, bem como projetos de rádios em escolas, e programas educativos na televisão aberta, voltados para os mais variados públicos e desempenhado nos mais variados setores da sociedade. “Assim, a Educomunicação constrói novos lugares de participação da cidadania em espaços alternativos e interativos que disponibilizam possibilidades inovadoras de acesso à informação, de expressão e de interação na sociedade” (TOTH; MERTENS; MAKIUCH, 2012, p. 120). Iniciativa que ao fim espera gerar emissores críticos de informação através de uma educação emancipatória.

Pensar os meios de comunicação como instrumentos pedagógicos nos estimulou a produzir um telejornal para o público infantil sabendo que o aprendizado se dá através de estímulos e que mais que transmitir podemos produzir conhecimento, ou melhor, incentivá-lo para tal, “para gerar e potencializar novos emissores mais que para continuar fazendo crescer a multidão de receptores passivos” (KAPLÚM, 1999,p. 8). Promover a desacomodação, esse é o intuito da educomunicação presente neste trabalho para possibilitar o enriquecimento didático.

Utilizamos a educomunicação por acreditar que ela tem potencial para transformação social ao estimular pensamentos críticos em torno do que acontece no meio, através dessa área poderemos suscitar manifestação intelectual por parte do nosso público alvo e por acreditarmos que a partir dessa expressão, as crianças poderão modificar as suas realidades de forma positiva. “Os projetos, em geral, promovem [...] a capacidade crítica dos atores envolvidos, que passam a ser mais proativos, participativos e avaliadores do espaço que habitam”(TOTH; MERTENS; MAKIUCH, 2012, p.121).A informação levada através do produto midiático fornecido deve ser apropriada como conhecimento reflexivo.

1.4 Psicologia infantil – O desenvolvimento da inteligência na criança

Para a compreensão do desenvolvimento infantil usamos como pressuposto a Teoria Desenvolvimentalista de vários autores, a exemplo de Piaget, Vygotsky, Albert Bandura, Froid, Erikson, Skinner e Wallom. De acordo com Terra (2010) Jean Piaget, biólogo, foi o precursor no que diz respeito aos estudos sobre o desenvolvimento infantil, foi o primeiro a analisar como evolui uma criança mentalmente. Segundo a autora, o suíço fez observações e experimentações com suas três filhas (Jacqueline, Lucienne e Lauren) e a partir daí classificou o desenvolvimento infantil em quatro fases, como descrito em seguida:

- **Período sensório-motor (0 a 2 anos):** O universo que rodeia o recém-nascido é desenvolvido a partir da percepção e de movimentos, como sucção e o tocar. De forma progressiva a criança aperfeiçoa tais ações, adquire habilidades e chega ao final dessa fase se concebendo dentro de um cosmo;
- **Período pré-operatório (2 a 7 anos):** O início dessa fase é marcado pela emergência da linguagem. A criança no estágio pré-operatório ainda não concebe uma realidade da qual não faça parte. Esse período é caracterizado pelo egocentrismo;

- **Período das operações concretas (7 a 11, 12 anos):** Piaget explica que nessa fase o egocentrismo ainda permanece, com enfoque para a incapacidade de se colocar no lugar do outro. Um aspecto importante é a capacidade da criança em realizar operações mentalmente, na fase anterior isso não ocorre. Esta fase também é marcada pela capacidade de reversibilidade, ou seja, a criança começa a entender o estágio inicial e final de alguma transformação que o objeto tenha sofrido;
- **Período das operações formais (12 anos em diante):** A caracterização dessa fase se dá pela ampliação das capacidades adquiridas em estágios anteriores. A capacidade de raciocínio da criança é destacada neste período, existe uma tendência para a crítica. Ocorre a efetivação da inteligência.

As fases de desenvolvimento infantil listadas por Piaget foram e ainda são utilizadas nos cursos de licenciatura para que professores saibam lidar com as crianças em suas distintas idades. Porém, estudos posteriores apresentam críticas à teoria do pesquisador. Apesar de considerar que o desenvolvimento da criança se dá a partir da interação com o objeto, Piaget não coloca isso como ponto central, sempre enfatizando fatores biológicos através de uma visão construcionista para afirmar que o desenvolvimento acontece de dentro para fora. Essa é a principal distinção para a teoria de Vygotsky, que não traz denominações de fases, entretanto defende que o fator externo é o motor para o desenvolvimento infantil, que essa progressão só vai acontecer a depender de muitos fatores. “O meio (e por meio entenda-se algo muito amplo, que envolve cultura, sociedade, práticas e interações) é fator de máxima importância no desenvolvimento humano” (RABELLO; PASSOS, 2010, p.1). A teoria de Vygotsky enfatiza que o desenvolvimento se dá de fora para dentro, um olhar interacionista.

O que entendemos a partir de Vygotsky é que certamente conforme os anos passam a criança vai se desenvolver, mas, por exemplo, ela pode estar na fase denominada por Piaget de operações formais e agir como se estivesse no estágio de operações concretas, simplesmente porque o meio em que habita não lhe proporcionou o desenvolvimento esperado. Assim a teoria de Vygotsky tem uma maior aceitação nos campos da psicologia e educação, porque é indiscutível que o meio vai interferir de forma decisiva no desenvolvimento infantil. “Com isso, a teoria psicogenética deixa à mostra que a inteligência não é herdada, mas sim que ela é construída no processo interativo entre o homem e o meio ambiente (físico e social) em que ele estiver inserido” (TERRA, 2010, p.4).

Outras teorias vão tratar sobre condições biológicas com a qual nascemos, e defendem que o meio será apenas o gatilho para desenvolvê-las, ou não. Como as condições biológicas

dos seres humanos são inúmeras, nós decidimos nos prender em especial às teorias de Piaget e Vygotsky, que nos permitiram chegar aos nossos objetivos, compreender a relação do público infantil com a mídia e criar uma linguagem jornalística própria para esse público, com idade entre 7 e 10 anos.

Com base nas definições das fases, a que iremos nos ater é a das operações concretas, que engloba a idade para qual produziremos o produto midiático. As leituras nos fizeram compreender que é nessa fase que começa a efetivação da inteligência humana, onde o real não mais se mistura com o ilusório. No estágio operatório concreto a criança busca por conta própria entender o que acontece a sua volta. Torna-se mais detalhista, no sentido que não mais enxerga, como previa Piaget em fases anteriores, o todo, mas todos os detalhes que formam esse todo. Passa a ter noção de reversibilidade, de inclusão de classes. A lógica dedutiva também é adquirida nesta etapa, apenas ao olhar ela consegue distinguir as diferenças e não mais precisando usar o tato; por exemplo, uma criança nesta fase olha seis guloseimas ordenadas de forma diferente; na fase pré-operacional ela precisaria contar, usando as mãos, para saber se de fato há mesmo essa quantidade, a criança na fase de operações concretas consegue fazer isso mentalmente, a partir de uma observação.

Nessa idade a criança está pronta para iniciar um processo de aprendizagem sistemática. A criança adquire uma autonomia crescente em relação ao adulto, passando a organizar seus próprios valores morais (...). A criança, que no início do período ainda considerava bastante as opiniões e ideias dos adultos, no final passa a enfrentá-las. [...] é a fase das operações concretas, onde a criança começa a pensar suas ações e a trabalhar o raciocínio, a elaborar sua visão crítica. (SANTANTA, s/d, *apud*, RIBEIRO; BATISTA, 2010, p.4).

De acordo com a visão sociointeracionista de Vygotsky, o desenvolvimento infantil será satisfatório de acordo com o meio em que a criança vive, ou seja, a sua construção se dá a partir da relação com os vários meios. Para o autor, “não é suficiente ter todo o aparato biológico da espécie para realizar uma tarefa se o indivíduo não participa de ambientes e práticas específicas que propiciem esta aprendizagem” (RABELLO; PASSOS, 2010, p.5).

A criança está em constante construção do seu aprender, e é preciso olhar esse público com suas particularidades e dentro de suas demandas atuais, tendo conhecimento que a infância é uma preparação para a vida adulta e que crescer é organizar a própria inteligência, sabendo que a qualidade dessa inteligência se modifica.

Acreditando na defesa de Vygotsky sobre a influência do meio externo, aí incluímos a televisão, percebemos a necessidade de produtos midiáticos voltados para o público infantil. É nessa fase, denominada por Piaget de Operatório Concreto que a inteligência humana vai se

efetivando, conseqüentemente entendemos assim que ela começa a interpretar o mundo e as pessoas que nele habitam. “Para avançar no desenvolvimento é preciso que o ambiente promova condições para transformações cognitivas” (TERRA, 2010, p.5). Para isso elas precisam ser informadas e educadas, necessitam de intervenções de práticas pedagógicas, a televisão com a influência que possui deve ser um meio que contribua para o êxito dessa fase.

1.5 Mídia e crianças – Uma reflexão sobre o vínculo entre a televisão e público infantil

Os estudos acima descritos deixam claro que a criança é um ser em desenvolvimento, físico e mental. Com relação à mídia, os vários estudos sobre ela ressaltam sua influência sobre o público, “toda instância de informação, quer queira, quer não, exerce um poder de fato sobre o outro” (CHARAUDEAU, 2010, p.124). Daí a preocupação em como os veículos de comunicação podem contribuir positivamente ou negativamente para o progresso infantil. E tomando como base as teorias de Piaget e Vygotsky, é preciso conhecer como acontece essa relação mídia e crianças. É importante ressaltar que quando falamos em mídia, neste trabalho, nos atemos apenas a um tipo de veículo de comunicação, a televisão, e nela nos restringimos aos telejornais, por ser o foco desse trabalho. “A televisão, e em particular o telejornalismo, é um elemento por meio do qual o indivíduo elabora a sua realidade, oferecendo informações que vão ajudá-lo a construir a imagem do mundo em que vive e dados necessários para o planejamento da sua vida” (TEMER, 2005, p. 3).

Recortes de imagens, escolha de fontes, fatores mercadológicos, políticos, ideológicos, entre outros, inerentes ao jornalismo, permitem o que chamamos de realidade construída. A mídia tem um grande poder perante a sociedade, a televisão o tem ainda mais, na TV aberta, por exemplo, o conteúdo é gratuito e com uma linguagem acessível. O aparelho está presente segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), divulgada este ano pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 97,4% dos lares do Brasil. Seu insumo principal é a imagem, aliado a ela temos o texto, lido pelo apresentador ou repórter.

Os programas de jornalismo na televisão, especialmente os telejornais, apresentam um determinado mundo ao telespectador que pretende ser o mundo real. Contudo, as notícias são advindas dos acontecimentos de um mundo exterior àquele que a televisão tem controle. A realidade apresentada é fruto de uma construção que envolve diferentes aspectos em sua lógica de produção, desde os interesses que estão em disputa em cada reportagem às competências tecnológicas das emissoras de televisão (BARBOSA, 2011, p. 4).

Segundo Charaudeau (2010, p. 20) isso “faz com que se construa uma imagem fragmentada do espaço público, uma visão adequada aos objetivos das mídias, mas bem afastada de um reflexo fiel”. Pelo poder que detém, pela influência que exerce, consideramos como obrigação a responsabilidade social desse veículo de comunicação, dever que está determinado através do artigo 221 da Constituição Federal de 1988. A televisão deve estimular o pensamento crítico de seus receptores, para que possamos ver pessoas mais ativas na sociedade.

É compreensível que os veículos de comunicação precisem se manter, existem despesas com recursos técnicos e humanos, mas, acima de qualquer fator deve estar a obrigação de contribuir para uma sociedade melhor. É um dever de todos, por que não o seria da mídia? Todos os assuntos devem ser abordados pela televisão, mas enxergamos o problema não sobre o que é transmitido, mas sobre como é. “Tudo depende da qualidade dos conteúdos disponíveis e da forma como são utilizados” (RODRIGUES, 2015, p. 48). Violência, por exemplo, não deve ser mostrada de forma banalizada, é um assunto sério, que merece ser discutido provocando no receptor a inquietação sobre qual o seu papel diante do problema, levando em conta que segurança pública é uma responsabilidade de todos “as representações mediáticas são as fontes primárias de informação dos problemas da sociedade” (SILVESTRE; FERREIRA, 2013, p. 3).

Entre os fatores já citados na produção dos telejornais que contribuem para o que assistimos na televisão está o fator tempo, ele é o responsável por assuntos relevantes não serem tratados com mais ênfase, ou de forma diferenciada, apenas quando acontece algo extraordinário é que o tema ganhará mais espaço e talvez uma abordagem diferente. O tratamento distinto que analisamos ser necessário é uma linha mais educativa, não desejamos saber apenas que guerras acontecem, mas, porque acontecem, como começou, o que é feito para que a situação acabe e como essa nova geração deve se portar diante do problema. Não é habitual ver a resposta dessas perguntas no jornalismo diário. O coletivo deve ser disseminado, sempre pregando que o problema de um, deve ser visto como o de todos, “(...) ensinar e aprender é uma atividade social da escola, mas também de diversas outras instituições sociais. Da mídia inclusive” (RIBEIRO; BATISTA, 2010, p.6).

Uma das responsabilidades da mídia está nas repercussões que ocorrem a partir do que foi veiculado. As pessoas não são balões vazios que quando recebem informações oriundas da televisão, se enchem como se as notícias fossem ar. São seres racionais, e tudo o que é ouvido e visto é repercutido em nossos pensamentos e ações, o sujeito age sobre o meio, não é

inativo. “Entendemos que o receptor não é passivo, ele participa da produção de sentido dentro de uma lógica cultural e lida com as possibilidades que essa cultura lhe abre (ou limita) para construir significados” (DUARTE; LEITE, 2006, p. 1). A relação emissor e receptor não acaba quando a mensagem é recebida, na verdade ela se estende por toda a vida.

Considerar que o consumo televisivo começa com a produção e emissão de mensagens e termina com a sua recepção, é uma forma ‘míope’ de entender. ‘Ver televisão’ envolve uma multiplicidade de práticas sociais e de experiências que antecedem, sucedem e precedem os tempos dessa atividade (PEREIRA, *apud*, RODRIGUES, 2005, p. 21).

É com a consciência das implicações que um produto veiculado pela mídia pode trazer na vida das crianças, que aumenta a responsabilidade sobre o que é noticiado e vemos a necessidade de ter produtos audiovisuais feitos especialmente para elas, para que atendam seus desejos e suas necessidades. Pensar que todos os fatores citados, mercadológico, ideológico, tempo, entre outros, devem ser bem avaliados, ainda mais quando seus receptores se tratam de seres que estão em fase de formação psíquica.

Por vezes, avança-se para uma comunicação, bruta e feroz com efeitos que poderão ser perversos, sobretudo para aqueles considerados mais desprotegidos, nomeadamente as crianças, fragilizadas não só no momento da exposição relativamente aos conteúdos e imagens a que estão associados, mas também futuramente, podendo deixar marcas que os media não têm o poder ou a preocupação de sarar (SILVESTRE; FERREIRA, 2013, p. 2).

Expandir o pensamento das crianças, gerar questionamentos positivos a respeito dos problemas que vivenciamos na sociedade, motivar inquietações sobre os direitos e deveres de cada cidadão, promover o respeito a cada indivíduo com as suas particularidades, fazer entender que as crianças são personagens importantes na construção de um mundo melhor, tudo isso deve ser estimulado pelo jornalismo educativo que queremos e precisamos.

O jornal é um veículo cuja importância reside essencialmente no fato de ajudar a criança a perceber a complicada trama da existência e as diversas nuances da percepção e da verdade, a medida em que, no decorrer de seu processo de escolarização passa a perceber que existem mais pontos de vista que o dela mesmo (DELGADO, 2001, *apud*, RIBEIRO; BATISTA, 2010, p. 8).

A televisão é vista como um instrumento importante na vida de uma criança, acreditamos de fato que ela pode contribuir de forma significativa para o crescimento intelectual desse ser humano em formação. Mas, para que isso ocorra de forma satisfatória, é preciso que as práticas, jornalísticas em especial, sejam feitas para esse público especificamente, com uma linha educativa. É preciso informar e ensinar ao mesmo tempo.

Precisamos de um jornalismo educativo. A televisão sempre foi vista como uma das maiores invenções da humanidade, e a esperança em torno dela sempre foi dos benefícios que traria.

Uma das expectativas dizia respeito ao papel que a televisão viria a ter na vida das crianças, ou seja, na forma como está poderia vir a contribuir para melhorar as vidas das crianças, estimular a sua imaginação, a sua criatividade e alargar os seus horizontes, tanto ao nível do conhecimento como da educação (PEREIRA, 2006, *apud*, RODRIGUES, 2015, p. 17).

Com o desejo de realizar esse sonho em torno da televisão produzimos um conteúdo midiático que busca atender esses anseios, mais que isso, o nosso produto permite a construção de uma sociedade mais participativa. São conteúdos trabalhados numa perspectiva diferente, ouvindo o que as crianças pensam sobre os mais variados assuntos. Um jornal feito com a participação delas e para elas. Porque não dá para pensar em um mundo de paz, de colaboração, se o começo da vida não é levado em conta.

1.6 Metodologia de pesquisa grupo focal- Justificativa

Para responder alguns questionamentos ainda pendentes e para oferecer mais segurança na hora de produzir o produto editorial foi decidido conversar com o público alvo do estudo em questão: as crianças. Para esse diálogo escolhemos utilizar a metodologia de pesquisa qualitativa denominada “Grupo Focal”: “O campo da pesquisa qualitativa se constitui de diversas possibilidades metodológicas, as quais permitem um processo dinâmico de aderência a novas formas de coleta e de análise de dados” (BACKES; COLOMÉ; ERDMANN; LUNARDI, 2011, p. 1). O método foi empregado para embasar a teoria estudada a respeito do público infantil. Desejávamos conversar com as crianças sobre telejornalismo. Obter respostas a respeito da relação mídia e infância, e para saber quais sentimentos e pensamentos são provocados a partir desse vínculo.

Os objetivos do Grupo Focal consistem em conhecer se existe um elo entre a criança e o telejornalismo, saber quais informações ficam guardadas em suas mentes após assistirem programas jornalísticos, identificar quais temas gostam de acompanhar e verificar se desejam ver outras crianças em telejornais, como personagens das matérias ou repórteres.

Como instrumento auxiliar ao grupo focal foi aplicado um questionário. De acordo com Morgan (1997) os grupos focais podem estar associados a outras técnicas. É importante ressaltar que foi dado às duas metodologias a mesma atenção na hora da análise das respostas, sendo ambas responsáveis pelas conclusões a que chegamos. Segundo Parasuraman (1991)

um questionário é definido por um conjunto de questões, que tem como finalidade alcançar os objetivos de uma pesquisa. A decisão por utilizar o questionário partiu da necessidade de cruzar as respostas, para confirmar, ou não, o que seria dialogado no grupo focal.

A reunião foi documentada com gravador de voz. Depois o momento foi ouvido novamente através do registro de áudio e houve a análise das opiniões. Os resultados dos questionários também foram verificados. Ao fim houve o cruzamento do que foi dito em cada forma de expressão oferecida, individual e coletiva. As crianças do gênero feminino são identificadas como criança 1, as do gênero masculino como criança 2, sendo evidenciado apenas as idades dos participantes, seus nomes foram preservados.

1.7 Grupo focal

O grupo focal consiste em reunir pessoas para através de um debate conhecer seus pensamentos e sentimentos a respeito de um assunto. O número de participantes não é consenso entre os estudiosos da metodologia, mas com base em nosso aparato bibliográfico sobre grupo focal, o número pode chegar ao máximo de 15 e ao mínimo de 6 (BOMFIM, 2009). O tamanho ideal é aquele que permite a participação efetiva de todos os colaboradores. No nosso caso escolhemos o número de 8 crianças para participar da pesquisa.

O grupo pode ser heterogêneo ou homogêneo de acordo com a finalidade do pesquisador. Foi utilizado em nossa averiguação um grupo heterogêneo, com variação de idade, classe social e gênero. Foram 4 meninas, e 4 meninos, com idade entre 7 e 10 anos, de escolas públicas e privadas. Mesmo em um público heterogêneo, no grupo focal, os participantes devem ter pelo menos algo em comum. No trabalho em questão os membros estão na mesma fase da vida: a infância.

Sobre o tempo da reunião “sugere-se que a duração de cada um dos encontros varie de uma hora e meia a duas horas” (BACKES; COLOMÉ; ERDMANN; LUNARDI, 2011, p. 3). O nosso momento teve início às 9h40min e foi encerrado às 11h20min.

No grupo focal existe uma figura fundamental chamada de moderador, é ele quem vai mediar o debate. Ele não deve interferir e muito menos induzir opiniões, o papel do moderador é lançar a ideia que deve ser discutida e manter a organização do debate, fazendo com que todos deem a sua opinião, para não permitir que uns falem mais que outros (MORGAN, 1997). “Para conseguir tal intento ele precisa limitar suas intervenções e permitir

que a discussão flua, só intervindo para introduzir novas questões e para facilitar o processo em curso” (GONDIM, 2003, p. 6).

A escolha do local e a organização do mesmo é considerada tarefa relevante. Optei por fazer em minha casa, por que conseguiria organizar o lugar como desejava e também por haver espaço necessário, bem como já dispunha no local os aparatos que precisaria, como computador e televisão.

O ambiente foi organizado da seguinte forma: para ganhar ainda mais espaço na sala, onde aconteceria de fato o encontro, os sofás foram tirados, um tapete grande foi colocado, e almofadas, para que todos ficassem confortáveis. Não foram usadas mesas e cadeiras, o intuito era que as crianças ficassem o mais à vontade possível. Ficamos em círculo. “A organização do espaço físico deve objetivar a participação e interação do grupo, de maneira que todos estejam dentro do campo de visão entre si e com o moderador, isso fomentará a interação e o sentimento de fazer parte do grupo” (BACKES; COLOMÉ; ERDMANN; LUNARDI, 2011, p. 3).

Todos os estudiosos da metodologia de grupo focal ressaltam um outro personagem, que é chamado de observador, esse em geral auxilia durante o grupo focal com a questão de anotações, de verificar o equipamento que está sendo utilizado para documentar o momento, como gravador de áudio, câmera. E participa também da análise do que foi discutido, dando sua opinião sobre o que viu e ouviu.

Decidi não convidar um observador e cuidei para que todas as funções que seriam desempenhadas por ele eu conseguisse fazer. A decisão se deu pela delicadeza do público, eu não conhecia as crianças e vice e versa. Tive receio de que a presença de outra pessoa pudesse intimidá-las de alguma forma e inibisse as opiniões durante o debate. Para Gomes e Barbosa (1999) deve-se evitar a presença de pessoas estranhas ao grupo, fato que poderia produzir nos participantes a sensação de estarem sendo observados.

Sobre o grupo focal: a princípio foi pensado nas dúvidas que ainda restavam, como por exemplo, se eles assistem telejornais, se gostam, com quem assistem, em que horário, se compreendem o que veem nos programas jornalísticos, que assuntos gostam de ver, e se desejam ver crianças sendo repórter ou apresentador. Essas perguntas foram feitas as crianças, através do questionário, com múltiplas escolhas, e também durante o debate.

Mas ainda existiam algumas incertezas, era preciso saber exatamente o que entendiam das reportagens que assistiam. Por isso foi exibido para as crianças, no início da aplicação da metodologia, duas matérias. A primeira foi sobre uma mulher grávida que foi atingida por

uma bala perdida no Rio de Janeiro, o tiro pegou na barriga da vítima e feriu a criança ainda em seu ventre; essa matéria foi exibida no Jornal Nacional no dia 1º de julho de 2017, um dia após o fato. A outra reportagem falava sobre um grupo de voluntários na Síria que ajudam as pessoas vítimas da guerra que acontece no país, eles são chamados de capacetes brancos e foram indicados ao Nobel da Paz ano passado. A matéria foi exibida no Bom Dia Brasil no dia 7 de outubro de 2016. Os dois telejornais são exibidos pela rede Globo, em horários diferentes, o primeiro por volta das 20h30min e o segundo por volta das 7h30min.

A finalidade da apresentação das matérias foi conhecer o que as crianças compreendem dos conteúdos apresentados em programas jornalísticos. Algumas perguntas sobre as matérias foram feitas também através do questionário, por exemplo: qual o assunto principal das reportagens? Opções foram colocadas, como saúde, violência, guerra, educação. Onde acontece os fatos narrados nas reportagens? As opções eram, Rio de Janeiro, Síria, Monteiro, Japão e Paraíba. Todas as questões abordadas nesse método foram exploradas no grupo focal, as mesmas perguntas foram feitas para expandir as respostas e proporcionar o debate.

Antes da apresentação das reportagens, com o desejo de permitir que as crianças ficassem mais à vontade e criassem um vínculo, comigo e entre elas, foi realizada uma dinâmica. Dentro de uma caixa de sapatos foram colocados vários chocolates e essa caixa foi embrulhada com papel de presente. A brincadeira funcionou da seguinte forma: as crianças, uma por uma, teriam que pegar essa caixa embrulhada e tentar adivinhar o que era o brinde, quem conseguisse ficaria com o mesmo, mas teria que dividir com os demais. Antes de tentar descobrir o que era o mimo, a criança deveria dizer seu nome, sua idade e o que gosta de fazer. A brincadeira surtiu um efeito muito positivo e ao fim foi notória a descontração e o entrosamento entre todos os componentes do grupo focal.

Em seguida houve a apresentação das reportagens, quando as crianças atentamente assistiram. Depois responderam os questionários, que foi explicado e lido para elas, tanto as perguntas quanto as opções de respostas, principalmente para aquelas que ainda estão no início do aprendizado da leitura, que é caso das crianças de 7 anos. Foi pedido para que não falassem as suas respostas, apenas marcassem a opção que achavam que era correta, para que nenhuma criança copiasse a resposta da outra; o pedido foi respeitado por todas.

Passado o momento de responder o questionário iniciamos a discussão sobre as matérias. Foi perguntado as crianças se já sabiam do fato que foi narrado na primeira

reportagem, a mulher grávida atingida por uma bala perdida. Todas as crianças já tinham visto o caso nos telejornais. Pedi para narrarem o que dizia a notícia.

Criança 2-10 anos: — O tiro pegou nas costas do bebê e ele não vai andar, o médico falou!

Criança 1-9 anos: — O jornal mostrou o quarto do bebê, as roupas dele, e as fotos da mãe grávida!

No debate apenas 4 crianças lembraram o nome do recém-nascido, que foi citado 4 vezes durante a reportagem. Foi indagado o que sentiam ao ver esse tipo de matéria.

Criança 1-8 anos: — Fico triste!

A resposta foi compartilhada por todos no grupo focal, usando a expressão:— Eu também.

A formação de opinião é fruto das interações sociais e, portanto, há interdependência nas respostas, que não são, então exclusivas de uma pessoa, mas emergem em um contexto particular de discussão grupal, sendo difícil diferenciar o que pertence a uma, em particular, porque não se sabe o efeito que um respondente tem na declaração feita pelo outro (GONDIM, 2003, p. 11).

Sobre a localidade onde acontece a reportagem, durante o grupo focal todos responderam Rio de Janeiro, mas na entrevista individual através dos questionários, houve divergência. Duas crianças, uma de 10, e outra de 8 anos, não souberam informar em qual estado do país aconteceu o fato. Na reportagem, o nome Rio de Janeiro não é citado em nenhum momento, as vezes em que se falou do estado foi usado a abreviação Rio, e por duas vezes foi mencionada a cidade onde aconteceu a fatalidade, Duque de Caxias. Isso pode ter confundido as crianças, já que elas podem ainda não saber que Duque de Caxias é um município localizado no Rio de Janeiro. E a abreviação Rio também pode ter causado dúvida, já que tem outros significados.

Sobre o tema da reportagem houve uma grande diversidade de respostas no questionário. Duas crianças do gênero feminino, uma de 7, outra de 10 anos, disseram que a matéria fala sobre saúde. Outras duas, uma de 8, e outra de 10 anos, do gênero masculino, não conseguiram identificar o principal assunto da notícia, e não marcaram nenhuma opção. Quatro crianças, de 7 a 10 anos, ressaltaram que a matéria fala sobre violência. No grupo focal ao responderem esse questionamento a Criança 2-10 anos, disse:— Fala de violência. Criança 1-9 anos:— É, fala de violência. Nenhuma criança manifestou opinião contrária. Foi possível verificar que algumas crianças expuseram respostas diferentes nas duas metodologias aplicadas.

A utilização de grupos focais em sequência às entrevistas individuais, por exemplo, facilita a avaliação do confronto de opiniões, já que se tem maior clareza do que as pessoas isoladamente pensam sobre um tema específico (GONDIM, 2003, p. 5).

Na segunda reportagem, sobre os capacetes brancos, quando questionada, durante o grupo focal a criança 2, de 10 anos, afirmou: — Eles ajudam as pessoas na guerra. Foi perguntado a essa criança onde acontecia a guerra, ela respondeu: — Na Síria! As outras crianças apenas confirmaram. No questionário, 7 crianças marcaram a opção Síria, e uma menina de 7 anos marcou a opção Paraíba. O nome do país é citado 3 vezes durante a matéria. Sobre o tema apenas 2 crianças marcaram a opção guerra, 5 disseram que a reportagem fala de pessoas que ajudam outras pessoas, havia também essa alternativa. Uma criança de 7 anos disse que a reportagem fala de saúde.

Sobre o que viram na reportagem a criança 1-8 anos falou:— O homem levantou o bebê para cima!

Moderador: — Porque ele fez isso?

Criança 1-8 anos:— Porque ele salvou a criança!

Criança 2-10 anos: — Jogaram uma bomba!

Moderador: — Onde?

Criança 2-10anos: — Na Síria!

Todas as crianças durante o grupo focal e o questionário disseram assistir e gostar de telejornais. Foi perguntado com quem eles costumam ver esses programas, no questionário 5 responderam que com os pais, e 3 com os irmãos, no grupo focal a informação foi semelhante. Foi questionado durante o grupo focal se os pais colocavam algum tipo de restrição para elas verem televisão, todos informaram que não.

Mas se pode dizer que, também em casa, não exista qualquer proposta de ouvir as crianças, diretamente, conversando com elas sobre suas experiências com os audiovisuais e a televisão, e, assim, parece não ser importante saber como pensam, sentem e entendem. Se às emissoras televisivas interessa homogeneizar, pasteurizar, vender desejos, comportamentos e certos produtos à eles relacionados, em casa não é diferente(CARVALHO, 2012, p. 152).

É importante ressaltar que não há classificação indicativa para programas jornalísticos, mesmo quando são exibidas reportagens com imagens inapropriadas para crianças, como de violência e sexo. De acordo com o Ministério da Justiça (2006) devem solicitar autoclassificação todos os programas exibidos na televisão, exceto os programas jornalísticos, noticiosos, esportivos, a publicidade em geral e programas eleitorais.

A respeito do turno em que assistem televisão, no questionário 6 disseram assistir à noite, 5 assistem de manhã, e 3 à tarde, as crianças marcaram mais de uma opção, somente 2 assistem em apenas um turno. As crianças de 10 anos que participaram da metodologia assistem nos três turnos. Cinco crianças disseram que entendem o que veem nos telejornais. No grupo focal uma criança de 9 anos do gênero feminino quando perguntada sobre se entende as matérias que assiste respondeu:

Criança 1-9 anos:— Mais ou menos!

Moderador:— Por que mais ou menos?

Criança 1-9 anos: — Eles falam palavras complicadas!

Moderador:— Que palavras?

Criança 1-9 anos:—Ah, não sei!

Seis crianças disseram que gostam de ver assuntos ligados à educação nos telejornais, 4 gostam de ouvir notícias ligadas a histórias, de pessoas ou lugares, ressaltaram eles durante o debate e o questionário. Quatro disseram se interessar por assuntos ligados à saúde. Apenas 1 criança disse, através do questionário gostar de ver esporte nos telejornais, porém, durante a discussão todas afirmaram se interessar por assuntos ligados a esse tema.

Criança 2-10 anos:—Gosto quando fala do Flamengo!

Criança 2-7 anos: — Gosto quando falam do Corinthians!

Criança 1-9 anos:— Gosto de vôlei!

Criança 1-7 anos: — Gosto de ver as pessoas nadando na piscina!

Criança 2-8 anos:— Eu assisti as olimpíadas, o Brasil ganhou muitas medalhas!

Indagados sobre o que gostam de ver na televisão todos responderam durante o grupo focal desenhos animados. Apenas a criança 1-10 anos disse: — Gosto quando falam da Síria, comprei até um livro sobre a Síria!

Foi questionado sobre o que os telejornais falavam.

Criança 2-8anos:— Eles falam sobre Lula!

Criança 1-9 anos:— E sobre Dilma também!

Criança 2-10 anos: — E sobre Temer!

Criança 2-9 anos: — Porque eles roubam muito!

Criança 1-8 anos: — Eles falam sobre violência também!

Todos disseram, no grupo focal e no questionário, que gostariam de ver crianças no telejornal, como repórter ou como apresentadoras.

Criança 1-9 anos:— Os adultos são muito sérios!

A criança fez gestos imitando como os apresentadores de telejornais falam e todos os outros do círculo começaram a rir.

O grupo focal “tem por objetivo gerar uma gama de respostas e formular hipóteses, não necessariamente chegar a um discurso conclusivo sobre as questões pesquisadas” (ASCHIDAMINI; SAUPE, 2004, p. 2). O objetivo geral da metodologia foi alcançado, existe uma relação entre a criança e o telejornalismo. Elas consomem, falam sobre ele e o mais importante, elas gostam de telejornais. Compreender que o produto elaborado é direcionado há um público que o aprecia é estimulante.

Através do grupo focal e do questionário também foi possível saber quais informações ficam gravadas em suas mentes. Tomando como base esse conhecimento foi reforçado um cuidado ainda maior com os dados que desejamos que fiquem guardados em suas memórias, como informações sobre lugares e pessoas. As reportagens foram tratadas com muita objetividade, pois muitas informações poderiam confundir as crianças, então tudo foi oferecido com simplicidade e clareza, pensando exatamente o que queríamos alcançar com aquela matéria.

A metodologia de pesquisa apoiada na técnica dos grupos focais considera os produtos gerados pelas discussões grupais como dados capazes de formular teorias, testar hipóteses e aprofundar o conhecimento sobre um tema específico (GONDIM, 2003, p. 10).

A metodologia contribuiu de maneira significativa no momento da escolha dos temas que abordaríamos no telejornal, três das quatro matérias selecionadas são sobre assuntos que as crianças disseram gostar de ver em programas noticiosos; educação, saúde e esporte. Apenas a matéria que fala sobre violência não está entre os assuntos elencados pelas crianças como seus favoritos.

Foi percebido que o nosso receptor deseja ver outras crianças nos telejornais, como apresentadoras ou repórteres. Devido à falta de tempo hábil não foi possível preparar uma criança para ser âncora do telejornal, mas a presença de uma garota como repórter é percebida na matéria sobre alimentação saudável, e em apenas uma reportagem, a da violência, não é ouvida a opinião de crianças sobre o tema da notícia, em todas as outras elas se tornaram personagens que deram sentido a matéria.

Aplicar essa metodologia foi fundamental para o êxito do trabalho. O contato com o público infantil permitiu maior segurança na hora de executar o produto editorial. Além de reafirmar o desejo de produzir um programa jornalístico voltado às crianças com uma linguagem para elas, sobre temas que gostam e reportando da forma que desejam ver.

2 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO

2.1 Pré-Produção

Por não dispor de conhecimento necessário sobre gravações de vídeos e também não ter à disposição equipamentos de qualidade para fazer as imagens, convidei um amigo para ajudar com essa tarefa, Asley Ravel, que já tinha experiência com produções de documentários e curtas metragens. Fiquei com a responsabilidade de orientá-lo jornalisticamente já que ele nunca havia produzido nenhum conteúdo para telejornal. Tínhamos a disposição uma câmera Sony a6300 e um microfone lapela. A princípio tivemos dificuldades com os horários, foi difícil conseguir conciliar a agenda do cinegrafista com a dos entrevistados, mas no fim deu tudo certo.

Outra dificuldade foi ter apenas um microfone à disposição, pois em alguns momentos precisaríamos de dois. Mas também conseguimos contornar esse problema adaptando algumas matérias, que ficaram sem a presença de repórter. Na matéria sobre alimentação saudável é possível identificar a presença desse profissional, nesse caso tivemos que usar o áudio da câmera, pois só havia microfone para o entrevistado. Já na matéria sobre os benefícios das aulas de educação física usamos um celular para gravar o fala povo com as crianças.

Escolhi não utilizar os técnicos da universidade por questão de localidade, pois os mesmos são de Campina Grande e ficaria complicado para virem a Monteiro. Gravar em Campina também não era uma possibilidade viável para mim, não poderia estar me deslocando devido ao trabalho, e também não possuo muitos contatos na cidade o que poderia dificultar, por exemplo, agendar os entrevistados.

A professora Luciellen Lima contribuiu durante todo o processo de execução do produto, no início do projeto ela esteve como orientadora do trabalho, mas teve que sair da UEPB, e me indicou o professor Raul Ramalho para darmos prosseguimento. Porém a mesma continuou com uma espécie de co-orientação extraoficial sempre auxiliando com seus conhecimentos sobre telejornalismo.

A abertura do jornal, o encerramento, a escalada, as cabeças das matérias e uma passagem foram gravadas em Campina Grande na UEPB, no estúdio de telejornalismo da instituição com supervisão e auxílio da professora Luciellen Lima e do técnico de estúdio Renato Hennys. Os offs foram gravados no estúdio da rádio Monteiro FM.

Passado todo o levantamento bibliográfico e feito o grupo focal, escolhi as matérias, junto com os professores que me ajudaram na orientação, Luciellen Lima e Raul Ramalho. Primeiro decidimos que seria um telejornal sem intervalo, pois se escolhêssemos utilizar comerciais, teríamos que nos preocupar com que tipo de propagandas passariam nesse tempo, isso demandaria mais trabalho. Também nos baseamos em produções de telejornais internacionais voltados para o público infantil que são exibidos de forma ininterrupta. Porém o tempo não deveria ser mais que dezoito minutos, pois, mais que isso poderia ser cansativo para as crianças, mesmo com uma linguagem mais didática.

Duas editorias já estavam decididas para serem abordadas, saúde e esporte. As crianças disseram, através do grupo focal, gostar de ver esses temas em telejornais. Outra editoria que fiz questão de falar foi violência, mas de uma forma diferente. E a priori, optamos por fazer uma matéria de boa ação, uma criança fazendo alguma coisa bacana e que pudesse servir de exemplo para as outras que assistissem. Essa pauta caiu, pois, pensamos melhor e resolvemos falar sobre internet, já que as crianças atualmente estão cada vez mais inseridas nesse mundo digital, e achamos importante ajudá-las a usar melhor as ferramentas que elas têm à disposição. A pauta da boa ação pode ficar para uma próxima edição do jornal.

Passada a escolha dos temas que seriam expostos as pautas das matérias foram elaboradas, com indicações dos entrevistados, sugestões de imagens e explicações sobre como deveriam ser montadas as reportagens.

Também buscamos atender a demanda dos participantes do grupo focal que disseram gostar de ver crianças nos telejornais. Das quatro reportagens apenas na matéria da violência não percebemos a participação desse público, devido ao assunto. Em todas as outras elas dão sua opinião sobre os temas das matérias, e na reportagem sobre alimentação saudável tivemos a presença da repórter Pétala Arcílio, de 10 anos.

2.2 Primeira matéria gravada: VIOLÊNCIA/SEXUAL/CRIANÇAS

A primeira matéria gravada foi sobre violência sexual cometida contra crianças. A escolha por esse tema partiu de um desejo pessoal. Não tinha dúvidas de que essa seria a matéria mais difícil de gravar, por se tratar de um assunto delicado. Assim, o cuidado com a linguagem teve que ser redobrado, por isso optei começar por ela.

Entrevistamos duas pessoas, o psicólogo Gabriel Rollim, pois é ele quem oferece apoio psicológico às vítimas de violência sexual através do CREAS (Centro de Referência

Especializado de Assistência Social) em Monteiro, e a delegada Laura Priscila que cuida desses casos na cidade. Os entrevistados foram muito solícitos e gentis, conversei com os mesmos antes para explicar sobre a linguagem que deveria ser utilizada devido ao receptor do jornal. Marcamos as entrevistas. O primeiro foi o psicólogo Gabriel no dia 31 de agosto, às 15h30min no CREAS de Monteiro. Como o assunto é extremamente delicado tivemos bastante dificuldade com a forma de falar para esse público, como por exemplo, que termos usar para falar das partes íntimas. A princípio usamos os nomes pipi e popô, sugestão de Gabriel. Levamos uma hora para gravar todas as perguntas, tivemos que refazer, pelo menos duas ou três vezes cada.

Ao fim não fiquei satisfeita, mas fui embora, e comecei a pesquisar outros termos, e a melhor forma de falar. Encontrei palavras que me agradaram, foram elas: a parte que a calcinha cobre ou que a cuequinha esconde. Pipi e popô é ideal para a primeira infância, crianças de dois a cinco, seis anos. O meu público é de 7 a 10 anos. Conversei com Gabriel, expliquei a situação, ele entendeu e aceitou gravar novamente. Dessa vez marquei os dois entrevistados para o mesmo dia, 6 de setembro, em horários diferentes, a policial às 14h e o psicólogo às 15h. Já havia marcado com a delegada Laura cerca de três vezes que tiveram que ser canceladas devido ao excesso de trabalho dela na delegacia.

No dia da segunda gravação a primeira a conceder a entrevista foi a delegada. Em nossa conversa, antes da filmagem, a profissional me falou de um caso em que uma criança vítima de violência sexual narrou às autoridades policiais, o que aconteceu com ela, e para falar que o padrasto havia tocado em suas partes íntimas usou a seguinte linguagem:

— Ele tocou na parte que eu faço xixi!

Gostei desse termo, e sugeri que Laura poderia usar, ela concordou. A maior dificuldade na gravação dessa matéria foi com relação ao vocabulário dos entrevistados, por inúmeras vezes eles usaram palavras que poderia criar confusão ou medo nas crianças. Acredito que isso aconteceu devido a suas profissões. O psicólogo usava uma linguagem psicológica demais, a delegada uma linguagem policial demais. E eu precisava de uma linguagem para criança. Com a delegada cada pergunta teve que ser refeita três vezes, como eram quatro então gravamos umas doze vezes ao todo. A entrevista foi realizada na delegacia de Monteiro.

Terminada a conversa com a delegada nos dirigimos ao CREAS onde foi feita a filmagem com o psicólogo Gabriel, no ambiente onde ele conversa com as vítimas. Dessa vez utilizamos uma boneca para começar explicando a importância de cada parte do corpo até

chegar nas partes íntimas. Mesmo na segunda gravação foi necessário refazer as perguntas algumas vezes. Saí de lá com a sensação de que não tinha alcançado o objetivo que desejava e de que não conseguiria reportar a matéria como imaginei há princípio. Pensei em desistir de falar sobre esse assunto. Um dia depois, a professora Luciellen me mostrou a notícia sobre um caso de uma menina em João Pessoa que era abusada sexualmente pelo padrasto, e aos 11 anos engravidou. Quando tomei conhecimento dessa informação percebi o quanto é importante falar sobre esse tema para que mais crianças não sejam vítimas de um crime tão bárbaro. Depois da decupagem, de escrever o texto e editar a matéria, acredito que vamos sim conscientizar as crianças sobre o problema que infelizmente as rodeia.

Também decidimos apresentar dados sobre as ocorrências de violência sexual contra crianças em Monteiro. O grupo focal nos mostrou que o nosso público ainda não tem uma percepção satisfatória sobre a geografia global, então optamos por apresentar números apenas da cidade que elas moram. Esses dados foram expostos às crianças, através de uma passagem, em uma sala de aula, onde os números aparecem em um quadro. Essas informações foram exibidas de forma lúdica para as crianças lembrarem da escola e entenderem que aquilo deve ser aprendido. Optei pela utilização dos dados para as crianças entenderem que o tema que está sendo retratado é real e acontece perto delas.

Nessa reportagem não mostramos nenhuma criança de forma explícita, pois poderia associá-las ao crime que foi explicado. Foram usadas apenas imagens de pezinhos, de criança brincando ao longe, crianças de costas andando.

2.3 Segunda matéria gravada: INTERNET/DICAS E CUIDADOS/CRIANÇAS

A segunda reportagem a ser gravada foi sobre os malefícios e benefícios da utilização da internet pelas crianças. Nessa matéria também decidimos conversar com dois profissionais. Para falar dos malefícios convidamos uma psicóloga, e para os benefícios uma psicopedagoga. Também optamos por ter um personagem, uma criança, que usa a internet e que tem dispositivos móveis, para mostrar que a utilização das mídias digitais é uma realidade cada vez mais comum na infância.

Tivemos alguns problemas no agendamento das entrevistas dessa reportagem, não estava conseguindo encaixar as profissionais no mesmo dia. Primeiro foi agendado uma data com a psicóloga, estava tudo certo, até que dois dias antes ela desmarcou porque precisou viajar. A psicopedagoga estava doente e me pediu um tempo para se recuperar, disse que

quando estivesse melhor agendaríamos uma data. Passou uma semana, a psicóloga voltou de viagem e a psicopedagoga teve melhora em sua saúde, consegui marcar as duas para o mesmo dia, 29 de setembro de 2017, no período vespertino.

A primeira a conceder a entrevista foi a psicóloga Eliane Santa Cruz, tivemos que gravar no hospital pois a mesma estava de plantão nesse dia. Como a profissional em suas atividades diárias tem o hábito de fazer palestras em escolas, não tivemos nenhuma dificuldade com a linguagem. Já havia explicado sobre o público do jornal, como o assunto era leve, levamos meia hora de filmagem. Só foi preciso refazer uma única vez a gravação, apenas para acrescentar informações que ambas consideravam importantes e que não foram colocadas.

Ao sair do hospital nos dirigimos à casa da psicopedagoga Luciara Paiva. Na residência escolhemos o quarto do filho da profissional para fazermos a entrevista. O ambiente é lúdico e proporcionou o cenário que queríamos, já que Luciara falaria das coisas boas da internet, ela daria dicas de aplicativos e canais no Youtube, todos com cunho educativo.

A princípio nós usaríamos o filho da psicóloga Eliane, que tem 10 anos, para ser o personagem que precisávamos, mas a criança adoeceu, e não foi possível gravar com ele. Por sorte, o filho da psicopedagoga também tem a idade do público do jornal, 7 anos, e nós o convidamos para participar, de imediato ele resistiu, mas depois topou e contribuiu bastante para a matéria. Então gravamos com a criança no quarto dela, onde o mesmo teve a oportunidade de falar sobre as coisas que vê na internet. Conseguimos algumas imagens bacanas como ele brincando com outras coisas além de ficar na web. Cuidamos para que ele fosse gravado em ambientes do quarto diferentes do que a mãe dele seria.

Passada a entrevista com a criança, iniciamos a da psicopedagoga. Para ajudar com a linguagem pedi que o filho dela fizesse as perguntas, isso surtiu um efeito muito positivo, as respostas atenderam o esperado. Só precisamos regravar uma única pergunta, apenas por um erro onde a profissional trocou o nome do canal no Youtube que iria indicar.

Na gravação dessa matéria tivemos uma determinada dificuldade. Havia na casa da psicopedagoga a presença de outra criança, sobrinho da profissional, um menino de três anos. O mesmo fazia muito barulho com seus brinquedos, tivemos que interromper a gravação algumas vezes pedindo que o garoto fizesse um pouco de silêncio, a tia dele sugeriu que o mesmo fosse brincar em outro cômodo da residência, mas ele não quis, foi oferecido um celular para distraí-lo, a partir daí foi possível o andamento da reportagem. No mais não

tivemos grandes dificuldades com essa matéria, o assunto era leve e as profissionais e a criança entrevistada facilitaram bastante o nosso trabalho.

2.4 Terceira matéria gravada: AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA/IMPORTÂNCIA

A terceira reportagem gravada fala sobre os benefícios de práticas de atividades físicas na infância. Para embasar nossa matéria decidimos mostrar as aulas de educação física na escola, queríamos mostrar o que as crianças fazem durante essa aula. Decidimos conversar com duas pessoas, um professor de educação física e um esportista. O professor ficaria responsável por falar da importância das aulas de educação física, dos benefícios que traz para a criança. O esportista falaria de como o esporte mudou sua vida, das coisas que conquistou através das práticas esportivas e de como as aulas de educação física foram importantes para construir sua carreira. É importante lembrar que a escolha dessa matéria se deu por constatar através do grupo focal que as crianças gostam de ver temas ligados ao esporte e saúde nos telejornais.

Durante a elaboração da pauta escolhemos mostrar as aulas de educação física da escola Lourdinias em Monteiro, e entrevistarmos o professor de educação física desse colégio. Em contato com Weverton Bandeira, o professor, ele nos informou que na semana em que estávamos pretendendo agendar a entrevista estaria acontecendo os jogos escolares, o que foi visto como uma ótima oportunidade, pois nos renderia boas imagens. Dessa vez não tive dificuldade de marcar os dois entrevistados para o mesmo dia, 3 de outubro de 2017, e local, as gravações foram feitas no ginásio da escola.

No dia em que fomos gravar, apenas uma modalidade esportiva estava sendo praticada, futsal, então só conseguimos mostrar imagens das crianças praticando esse esporte. Houve uma dificuldade enorme com relação a gravar com os entrevistados por causa do barulho do ambiente, a acústica do local proporcionava uma propagação de som impressionante, a quadra não estava cheia, mas tinha-se essa impressão. As crianças que lá estavam faziam bastante barulho, então tivemos que gravar do lado de fora do ginásio.

Antes das entrevistas com os profissionais gravamos com algumas crianças que nos falaram sobre as aulas de educação física, respondendo algumas perguntas. Tentamos gravar essa interação com as crianças utilizando um microfone de mão, que consegui com um colega, mas o aparelho não funcionou, então tivemos que gravar o áudio desse momento no celular.

Depois disso o corredor e jogador de handebol Richard Caldeiranos concedeu a entrevista. Ele nos contou a sua história com o esporte, reforçando que tudo começou nas aulas de educação física e que as práticas esportivas são muito importantes para uma criança. Não tivemos problema nenhum com a linguagem e não foi preciso regravar nenhuma vez.

Depois dele gravamos com o professor Wevertom Bandeira, que estava bastante nervoso, tivemos dificuldade porque ele não conseguiu adaptar a linguagem para o público infantil, por isso regravamos algumas vezes, e mesmo assim não conseguimos alcançar nosso objetivo. Então convidei um aluno dele para fazer as perguntas, o que surtiu um efeito satisfatório. As respostas direcionadas a criança foram apresentadas com um vocabulário mais claro e propício para o público do jornal.

2.5 Quarta matéria gravada: ALIMENTAÇÃO/SAUDÁVEL/CRIANÇAS

A última matéria a ser gravada foi sobre alimentação. Nosso intuito era conscientizar as crianças sobre como os alimentos podem contribuir para a saúde delas. Então pensamos da seguinte forma, convidar um nutricionista para ensinar a uma criança uma receita saudável, prática e saborosa. Durante essa aula de culinária a criança convidada faria alguns questionamentos ao profissional, como por exemplo, porque é importante comer bem, quais são os alimentos saudáveis, entre outras perguntas. O nosso intuito era promover um bate papo saudável.

Feita a pauta, convidamos o nutricionista Abel Cândido, o mesmo é o responsável pela escolha da merenda das escolas municipais em Monteiro, então já tem experiência a respeito da alimentação para o público infantil. O profissional aceitou participar da gravação de imediato. Conversei com o mesmo e decidimos gravar em sua casa, pois sua cozinha tinha um espaço interessante e um ambiente visual propício para o que desejávamos. Ele sugeriu as receitas baseado nas informações que lhe repassei, de que deveriam ser práticas, saborosas, e obviamente saudáveis, então foram escolhidos para ensinar as crianças: dois sucos de frutas, melancia com hortelã e abacaxi também com hortelã, e uma tapioca com ovo, chamada de crepioca com recheio de tomate e requeijão.

A princípio convidamos duas crianças, um menino de 7 anos e uma menina de 10, mas as crianças convidadas tiveram imprevistos perto do dia da gravação e desmarcaram a participação. Então pedi para que o cinegrafista levasse a filha dele que tem 10 anos, chamada Pétala. Perguntei se ele permitiria que ela participasse do jornal, ele disse que sim. Pétala tem

muita intimidade com a câmera por causa do pai, e contribuiu bastante para a matéria, com seu jeito desinibido e curioso se tornando a única repórter do Jornal Aquarela.

Chegou o dia da gravação, 14 de outubro, que aconteceu às quatro da tarde de um sábado. Pela manhã já havia providenciado todo o material para as receitas, cheguei meia hora antes para deixar tudo pronto. Conversei com Pétala sobre o projeto e disse como seria a matéria, ressaltando que ela poderia ficar à vontade para fazer as perguntas que quisesse. A partir daí iniciamos a gravação, tivemos dificuldade por termos apenas a disposição uma câmera, então as vezes em que precisávamos gravar em outros ângulos tínhamos que interromper o diálogo dos personagens da matéria. Outro problema foi ter apenas um microfone lapela, até tentamos usar outro, mas não funcionou, então tivemos que utilizar o áudio da câmera com relação a Pétala. A lapela que tínhamos ficou com o nutricionista.

A matéria fluiu bem, Pétala muito à vontade e o nutricionista igualmente, ambos interagiram de uma forma muito bacana. A criança fez algumas perguntas indicadas por mim como também elaborou os próprios questionamentos. Pétala participou de forma efetiva na hora de fazer as receitas, exceto quando foi necessário usar fogo e energia elétrica. Ao fim ambos provaram as comidas que fizeram e conseguimos imagens muito boas nessa hora, como o sorriso de Pétala dizendo que a comida ficou ótima.

2.6 Edição

Asley não pode me ajudar com relação a edição do material, devido ao seu excesso de tarefas, mas me indicou uma pessoa que faz esse trabalho, a jovem Winnie Araújo. Entrei em contato com a mesma e a convidei para fazer esse serviço, ela aceitou de imediato e iniciamos a edição no fim de outubro e terminamos no início de dezembro. Por não termos utilizado uma câmera com placa de áudio, que já capta o som da lapela, era preciso fazer a sincronização, o que deixa o processo de edição mais lento, que foi realizado utilizando o programa Vegas Pro 13.0.

Mesmo sempre testando a lapela antes das gravações, na hora da edição percebemos que alguns áudios foram corrompidos e utilizamos o áudio da câmera nos casos em que foi possível. A matéria que mais apresentou problema na hora da edição foi a da internet. O barulho provocado pela outra criança presente na casa da psicopedagoga comprometeu o áudio da lapela, e algumas partes que considerávamos importantes precisaram ser cortadas, mas nada que comprometesse a sequência lógica da reportagem.

Já na matéria sobre as aulas de educação física devido ao problema com o áudio corrompido, a gravação com o professor de educação física foi quase toda comprometida, nesse caso não dava para usar o áudio da câmera, pois mal dava para ouvir o entrevistado, porque mesmo do lado de fora da quadra, o barulho que vinha de dentro era alto. A lapelacaptou apenas o final da entrevista, e por incrível que pareça esse final foi a salvação, pois deu para usar vários trechos na hora de montar a matéria.

A respeito das gravações feitas na UEPB levamos um susto quando o material foi para a edição no programa Vegas, que não abria as imagens, foi preciso baixar um plug-in para que o processo acontecesse.

Esses foram os problemas mais preocupantes na hora da edição, mas no fim acredito que conseguimos entregar um bom material, dentro daquilo que foi possível, com que tínhamos a disposição.

2.7 Nome do jornal

A princípio não surgiu nenhuma ideia de nome para o programa. Pesquisas sobre telejornais para o público infantil de outros países foram feitas, não para copiar, mas para quem sabe, sugerissem uma ideia. O tempo passava e nada. Um dia pedi a uns amigos sugestões, eles começaram a falar sobre as coisas que as crianças gostavam, desenhos animados, e deram vários palpites, nenhum agradou, até que começamos a pensar juntos em músicas infantis, então me veio a memória a composição de Toquinho, Aquarela. Tenho um carinho por essa canção porque acho incrível como o cantor consegue retratar tudo o que podemos fazer e nos tornar com uma aquarela.

Comecei a racionar que o produto editorial produzido tem muito disso, ele abre uma gama de alternativas para as crianças, sabendo que muito mais que informadas elas serão educadas, e o que poderão fazer com esse aprendizado adquirido? Talvez o mesmo que podemos quando temos uma aquarela a nossa disposição. Aquarela tem a ver com possibilidades e é isso que o nosso jornal quer oferecer para o nosso público, uma aquarela de conhecimentos.

2.8 Logo

Para fazer a logo recorri, como em todo processo, à ajuda de um amigo, ThácioMaykon, ele faz esse tipo de arte visual na cidade de Monteiro. Para isso ele utilizou o programa CorelDRAW. Expliquei o diferencial do jornal, do seu público e sobre o nome escolhido, muito ágil, na mesma hora em que pedi ele me enviou seis opções de logo, e junto com os professores Raul Ramalho e Luccielen Lima analisei as possibilidades. Algumas foram descartadas por excesso de cores, o que talvez pudesse levar as crianças a acreditar que não se trata de um telejornal, outras por detalhes dispensáveis, então acabamos por escolher a seguinte:



Optamos por essa porque acreditamos que ela retrata bem tudo o que queremos passar, as cores remetem ao nome do jornal, a fonte utilizada tem uma elegibilidade satisfatória para o nosso público, e a paleta sem cores como fundo reforça a ideia de que eles têm à disposição uma aquarela de conhecimento, mas a decisão de como usar esse aprendizado é de cada um. Empenhamo-nos em propagar saberes e mostrar como tudo pode se transformar quando usufruímos daquilo que aprendemos. Oferecemos uma aquarela para que preencham a paleta incolor da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho trouxe à tona a reflexão sobre a forma como as informações são reportadas pelo telejornalismo e os impactos que as notícias audiovisuais podem causar nas crianças que estão em uma fase de transformações, condição inerente ao ser humano, porém evidenciada na infância. Reconhecemos a TV como veículo de massa e o público infantil como grupo de seres em processo de construção do saber. Lançamos um olhar sobre a relação crianças e notícias e propusemos uma pergunta: não seria importante um produto midiático que pudesse atender as demandas desta fase? Oferecendo suporte para o bom desenvolvimento dessas crianças? Estimulando o saber, a ética e o respeito? Para que sirvam como base durante a efetivação do pensamento que está sendo formado? Por acreditar que as respostas para essas indagações é sim, produzimos um telejornal voltado para o público infantil acreditando que a iniciativa é importante e transformadora.

E foi extremamente gratificante essa produção. Oferecer um telejornal voltado exclusivamente para crianças foi uma experiência engrandecedora. Buscar entender de que forma se dá a edificação da inteligência na criança e todas as singularidades que fazem parte dessa fase foi primordial para a realização do trabalho. Bem como entender a importância e influência que a televisão exerce. Recorrendo assim a uma prática cada vez mais consolidada, a educomunicação.

As palavras foram usadas com o cuidado de proporcionar ao receptor entender de forma clara e imediata o sentido da mensagem. As matérias foram construídas para mais que informar, educar o nosso público. O maior desejo foi alcançado, falar com elas, para elas e sobre elas.

Existe uma esperança de que a experiência proporcione aos receptores expandirem seus conhecimentos. Cada matéria foi pensada para estimular as crianças a serem cidadãos conscientes, críticos do meio em que habitam. O nosso maior intuito é que os pequenos que assistirem o Jornal Aquarela possam no futuro virem a ser adultos reivindicadores de seus direitos e praticantes de seus deveres.

Acreditamos contribuir para a discussão sobre as possibilidades que o jornalismo proporciona e a importância de pensar os receptores com suas particularidades podendo assim oferecer produtos midiáticos para atender as demandas de cada grupo.

REFERÊNCIAS

ASCHIDAMINI, Ione Maria; SAUPE, Rosita. **Grupo focal – estratégia metodológica qualitativa: um ensaio teórico.** *CogitareEnferm.* 2004 Jan/Abr;9 (1):9-14.

BACKES, Dirce Stein; COLOMÉ, Juliana Silveira; ERDMANN, Rolf Herdmann; LUNARDI, Valéria Lerch. **Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas.** *Mundo Saúde.* 2011; 35:438-42.

BEE, Hellen; BOYD, Denise. **A criança em Desenvolvimento.** 12º Ed. Porto Alegre, Artmed Editora S.A., 2011.

BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV.** Ed. Contexto, 2005.

CARVALHO, Maria Inês. **Domingo é dia de Felicidade- As crianças e as notícias.** 1º Ed, Rio de Janeiro, Multifoco, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias.** 2º Ed. São Paulo, Contexto, 2010.

DUARTE, Rosália; LEITE, Camila; MIGLIORA, Rita. **Crianças e televisão: o que elas pensam sobre o que aprendem com a tevê.** *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 33, p. 497-564, 2006.

FILHO, Jomar Barros; E OUTROS. **A programação infantil na televisão aberta: a (des) informação das crianças.** *Revista Ibero-americana de Educação* n.º 55/2 – 15/03/11.

GOMES, Maria Elair; BARBOSA, Eduardo. **A técnica educativa de grupos focais para obtenção de dados qualitativos.** *Educativa*, 1999. Disponível em: www.dppg.cefetmg.br/mtp/TecnicadeGruposFocaisdoc. Acesso em: 10 out. 2017.

GONDIM, Sônia Maria. (2003). **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: Desafios metodológicos.** *Paidéia. Cadernos de Psicologia e Educação*, 12(24), 149-161.

KAPLÚM, Mário. **Processos educativos e canais de comunicação.** *Revista Comunicação & Educação.* São Paulo: Moderna/ECA-USP, jan./abr. de 1999. p.68-75.

LAMPREIA, Carolina. "**Linguagem e atividade no desenvolvimento cognitivo:** algumas reflexões sobre as contribuições de Vygotsky e Leontiev." *Psicol. reflex. crit* 12.1 (1999): 225-39.

MARQUES, Ramiro. **A Pedagogia construtivista de Lev Vygotsky (1896-1934)**.2007.Disponível em:<http://www.eses.pt/usr/ramiro/docs/etica_pedagogia/A%20Pedagogia%20construtivista%20de%20Lev%20Vygotsky.pdf>. Acesso: 04 de nov. de 2016.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. **Classificação Indicativa no Brasil:** desafios e perspectivas. Brasília, 2006.

MORGAN, David. **Focus group as qualitative research. Qualitative Research Methods Series. 16.**London: Sage Publications.1997.

PARASURAMAN, A; GREWAL, Dhruv; KRISHNAN, R. **Marketing research.** 2. ed. Addison Wesley Publishing Company, 1991.

PATERNOSTRO, Vera. **O texto na TV:** manual de telejornalismo.Vol. 2. Elsevier Brasil, 2013.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A vida com a TV:** o poder da televisão no cotidiano. São Paulo: Senac, 2002.

PIAGET, Jean. **A Construção do Real na Criança.**Tradução de Álvaro Cabral. 2ª Ed. Rio de Janeiro, Zahar, Brasília, INL, 1896.

PRADO, Flávio. **Ponto Eletrônico.** São Paulo: Editora Limiar, 1996.

RABELLO, Elaine; PASSOS, José Silveira. **Vygotsky e o desenvolvimento humano.** Disponível em: <http://www.josesilveira.com>. Acesso: 04 de nov. de 2016.

RIBEIRO, Ana Caroline; BATISTA, Aline de Jesus. **A influência da mídia na criança/pré-adolescente e a educomunicação como mediadora desse contato.** Encontro de História da Mídia da Região Norte, v. 1, p. 37-41, 2010.

RODRIGUES, Liliana Morgado. **As crianças e os media:** análise de discursos dirigidos aos pais. 2015. Tese de Doutorado.

SILVESTRE, Maria João Cunha; FERREIRA, Cristiana. **As crianças protagonistas de notícias:** sujeitos e objetos de crime. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 36, n. 1, 2013.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação:** um campo de mediações. Revista Comunicação & Educação. São Paulo, ano 7, p.12-24, set./dez. 2000.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação:** o conceito, o profissional, a aplicação: as contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, Suely Galli. **Educação e comunicação:** o ideal de inclusão pelas tecnologias de informação: otimismo exacerbado e lucidez pedagógica. São Paulo: Cortez, 2006.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. **Sensacionalismo sem sangue-** uma análise do telejornalismo ao vivo. Verso e Reverso, v. 19, n. 40, 2005.

TERRA, Márcia Regina. **"O desenvolvimento humano na teoria de Piaget"**. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/d00005.htm> [2005 jul 15] (2010). Acesso: 04 de nov. de 2016.

TOTH, Mariann; MERTENS, Frédéric; MAKIUCHI, Maria de Fátima Rodrigues. **Novos espaços de participação social no contexto do desenvolvimento sustentável:** as contribuições da educomunicação. Ambiente e Sociedade [online], v. 15, n. 2, p. 113-132, 2012. ISSN 1809- 4422.

VILLELA, Regina. **Profissão: jornalista de TV:** telejornalismo aplicado na era digital. Ed. Ciência Moderna, 2008.

YORKE, Ivor. **Telejornalismo.** Ed. Roca, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A: PAUTA

PROGRAMA: Jornal Aquarela

RETRANCA: VIOLÊNCIA/ SEXUAL/ CRIANÇAS

TIPO: Reportagem

REPÓRTER: Elisângela Marinho

PRODUTORES: Elisângela Marinho

EDITORIA: Violência

ENTREVISTADO/ IDENTIFICAÇÃO: Delegada Laura Fonseca responsável pelos crimes de violência sexual contra crianças e adolescentes nas cidades que pertencem a 14º seccional de Polícia Civil. A entrevista com a delegada acontecerá na próxima quarta-feira (23) às 15 horas. Delegada Laura Fonseca (83) 9955-3609.

ENDEREÇO: 14º Seccional de Polícia Civil em Monteiro-PB na R. Vicente Simões de Oliveira 116-228

ENTREVISTADO/ IDENTIFICAÇÃO: Psicólogo Gabriel Rolim, funcionário do Creas em Monteiro que atua no combate a violação de direitos e auxilia com tratamento psicológico as vítimas. A entrevista com o psicólogo acontecerá na próxima quinta-feira (31) às 15h30min no Creas. Psicólogo Gabriel Rolim (83) 9 99764983.

ENDEREÇO: Creas na Rua Professora Maria da Salete, 267 – Alto de São Vicente – Monteiro/PB

ENCAMINHAMENTO: A delegada deve explicar o que exatamente é considerado violência sexual também deve dizer quais as penalidades para quem comete tal crime, para reafirmar ao nosso público que se trata de algo imensamente grave e que a pessoa que o fez vai ser presa por isso.

O psicólogo deve ser apresentado como alguém que vai ajudar as crianças que passaram pelo problema. Devemos fazer a criança entender que existem pessoas prontas para ajudá-la, para conversar com ela, que ela não está só. O ambiente onde vai ser gravada a entrevista deve ser onde o profissional atende essas crianças.

O psicólogo deve explicar todos os meios que a criança pode utilizar no caso de ser vítima desse tipo de crime ou tomar conhecimento de que alguém próximo está sendo. A reportagem deve estimular que o combate a violência sexual contra crianças é uma responsabilidade de todos.

O profissional deve divulgar os vários meios para fazer a denúncia, como telefone, pessoas que a criança pode falar, locais que ela pode procurar. Ele também deve explicar, com uma linguagem clara e educativa, como uma criança pode saber que está sendo vítima.

O tema deve ser abordado da forma mais didática possível, levando em consideração o público do jornal, que são crianças de 7 à 10 anos. Por se tratar de um assunto delicado, ligado a violência, a linguagem deve ser serena, branda, para que o receptor não se sinta incomodado ao ouvir falar sobre o tema.

O intuito é conscientizar as crianças sobre violência sexual; como forma de ajudá-las a prevenir esse tipo de crime. Deve ser explicado, através de dados, que esses casos são frequentes e acontecem perto delas, devemos trazer dados da localidade do nosso público, no caso Monteiro.

POSSÍVEIS PERGUNTAS:

Para o psicólogo:

Como a criança pode saber que foi vítima de violência sexual?

Quando isso acontece com a criança ela tem alguém que pode ajudá-la?

Se uma criança for vítima de violência sexual, ou um amigo, o que ela deve fazer?

Para Delegada:

O que é violência sexual?

Como a criança pode saber que foi vítima de violência sexual?

O que acontece com alguém que comete esse crime?

INFORMAÇÕES: O abuso sexual é descrito como toda a situação em que uma criança ou adolescente é usado para gratificação sexual de pessoas mais velhas. O uso do poder, pela assimetria entre abusador e abusado, é o que mais caracteriza esta situação. (SANTOS; NEUMANN; IPPOLITO, 2004, p.36).

Percebemos através de estudos sobre o funcionamento do desenvolvimento psicológico infantil que a criança de 7 à 10 anos, para qual faremos a reportagem, ainda não compreende satisfatoriamente a Geografia global, isso também foi comprovado através de questionário aplicado à 8 crianças nesta faixa etária. Por isso devemos focar fatores de proximidade, para que elas não pensem que se trata de algo que acontece longe delas e com pessoas que elas não conhecem.

Dados do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) divulgados em Maio deste ano, mostra que 70% das vítimas de estupro do país são menores de idade, e metade das vítimas tinha até 13 anos. De acordo com o balanço de denúncias colhidas pelo Disque 100, canal para relatar casos de violação de direitos humanos, o Brasil somou pelo menos 175 mil casos de exploração sexual de crianças e adolescentes entre 2012 e 2016, o que representa quatro casos por hora.

Apenas entre 2015 e 2016, 37 mil casos de violência sexual na faixa etária de 0 a 18 anos foram denunciados. No Brasil, 95% dos casos desse tipo de violência contra menores são praticados por pessoas conhecidas das crianças, e em 65% deles há participação de pessoas do próprio grupo familiar.

Ao todo, 67,7% das crianças e jovens que sofrem abuso e exploração sexuais são meninas, contra 16,52% dos meninos. A maioria dos casos (40%) ocorrem com crianças entre 0 a 11 anos, seguidas por 12 a 14 anos (30,3%) e de 15 a 17 (20,09%), levando em conta as denúncias do Disque 100. A maioria dos agressores são homens (62,5%) e adultos de 18 a 40 anos (42%).

O abusador manipula emocionalmente a vítima que nem sequer percebe estar sendo vítima naquela etapa da vida. É comum também que usem presentes, dinheiro ou outro tipo de benefício material para construir a relação com a vítima.

“Se elas não sabem que os adultos não podem abusar dela, ela vai achar que isso faz parte da vida e pode passar um período sendo abusada sem saber que isso é uma violação dos direitos.” Fala do gerente da organização não-governamental Childhood Brasil, Itamar Gonçalves.

SUGESTÃO DE IMAGENS:

Todos os meios que a criança pode utilizar para denunciar o crime devem ser reforçados com imagens. O número que elas devem ligar tem que aparecer na tela, imagem da delegacia, do Creas, do Conselho Tutelar, enfim.

É preciso criar imagens, incluindo imagens com crianças. Exemplo: pezinho, mãozinha, crianças de costa, crianças em contra luz (sombra), crianças andando. Todas sem identificação.

Porém, não fazer algo como se fosse macabro demais. Tudo tem que ser o mais tranquilo possível.

Essas imagens podem ser feitas na rua, num parque. Em lugares onde há crianças e adultos. Pegando sem identificar mesmo, não tem problema.

APÊNDICE B: PAUTA

PROGRAMA: Jornal Aquarela

RETRANÇA: INTERNET/ DICAS E CUIDADOS/CRIANÇAS

TIPO: Reportagem

REPÓRTER: Elisângela Marinho

PRODUTORES: Elisângela Marinho

EDITORIA: COMPORTAMENTO

ENTREVISTADO/ IDENTIFICAÇÃO: Psicóloga Eliane Santa Cruz. A entrevista com a psicóloga acontecerá na próxima terça-feira (26) às 18h00min, na clínica Reabilitar. Psicóloga Eliane Santa Cruz (83) 9 9600-0247.

ENDEREÇO: R. Manoel Carlos Ferreira, 34 - Monteiro/PB

ENTREVISTADO/ IDENTIFICAÇÃO: Psicopedagoga Luciara Paiva. A entrevista com a psicopedagoga acontecerá na sexta-feira (22) às 16h00min, no Núcleo de Assistência Psicossocial Educacional – NAPSE. Psicopedagoga Luciara Paiva (83) 9 9931-9267.

ENDEREÇO: R. Cap. Antônio Vicente, 1-21, Monteiro-PB

ENCAMINHAMENTO: A psicóloga pode falar para as crianças que a internet é algo bom, mas que se for usado de forma demasiada pode trazer problemas, como sedentarismo,

problemas na visão, perda de sono, irritabilidade. A psicóloga pode indicar quanto tempo a criança deve usar essas tecnologias por dia.

É importante frisar que as mesmas devem sempre procurar conteúdos para crianças. Pode ser dada a instrução de não conversar com estranhos nas redes sociais que elas têm acesso, ressaltando de que há pessoas má intencionadas. Se alguém que a criança não conhece começar a conversar com ela a mesma deve avisar a mãe ou ao pai, bem como não deve publicar fotos sem autorização desses, porque essas fotos podem ser usadas por pessoas más e para coisas ruins, como a pornografia infantil.

A profissional pode ainda reforçar a importância de brincar com os amigos e conversar pessoalmente com as pessoas.

O tema deve ser abordado da forma mais didática possível, levando em consideração o público do jornal, que são crianças de 7 à 10 anos.

O intuito é conscientizar as crianças sobre os malefícios que o uso excessivo e sem instrução da internet pode causar. E mostrar como a interação pessoal, através de brincadeiras e conversas pode ser benéfica.

A psicopedagoga pode indicar alguns conteúdos na internet para as crianças, como jogo educativo, site e canal no YouTube.

Ela também pode falar quanto tempo a criança deve acessar a internet por dia.

É importante que a profissional ressalte como também é benéfico brincar e conversar com os amigos e familiares pessoalmente.

POSSÍVEIS PERGUNTAS:

Para a psicóloga:

Quais os problemas que uma criança pode ter se usar por muito tempo a internet?

Qual o tempo ideal que uma criança de 7 a 10 anos deve ficar na internet?

Existem perigos na internet para as crianças?

Qual a importância de brincar e interagir pessoalmente com as pessoas?

Para a psicopedagoga:

Luciara quanto tempo uma criança deve usar a internet por dia?

Como a internet pode ajudar no desenvolvimento infantil?

Quais dicas de conteúdos educativos você pode dá para as crianças?

Qual a importância de brincar e conversar com os amigos?

INFORMAÇÕES: Segundo pesquisa “TIC Kids Online” divulgada em 2016, 80% das crianças e adolescentes brasileiros são internautas; e duas a cada três crianças e adolescentes, de 9 à 17 anos, com acesso à rede, se conectam a internet mais de uma vez por dia. A AVG Technologies realizou pesquisa semelhante no ano de 2014 e constatou que 97% das crianças, entre 6 e 9 anos, usam a internet e 54% têm perfil no Facebook.

Essa exposição precoce e muitas vezes sem orientação tem acarretado inúmeros problemas às nossas crianças. Cristiano Nabuco, coordenador do Grupo de Dependências Tecnológicas do Programa Integrado dos Transtornos do Impulso (Pro-Amity) do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) ressaltou que “Na China, tornou-se problema de saúde pública, com a abertura de 150 centros de tratamento para dependentes de games. No Brasil, muita gente não sabe que a dependência virtual é um problema”.

Segundo a terapeuta canadense Cris Rowan a superexposição da criança a celulares, internet, televisão, entre outros aparelhos eletrônicos, está relacionada ao déficit de atenção, atrasos cognitivos, dificuldades de aprendizagem, impulsividade e problemas em lidar com sentimentos como a raiva. Outros problemas seriam a obesidade, privação de sono, secura do olho, desconforto musculoesquelético e o risco de dependência por tecnologia. Além dos perigos que as crianças estão expostas como pedofilia pela internet.

Alguns especialistas ainda ressaltam que o uso excessivo pode bloquear a criatividade da criança. O professor Valdemar Setzer, do Departamento de Ciência da Computação do Instituto de Matemática e Estatística da USP (Universidade de São Paulo) informa que “prejudica a capacidade de pensar e imaginar delas, mostrando que o uso frequente do computador é um dos fatores para a piora do rendimento escolar, por exemplo”. Ele reforça dizendo que “as crianças ainda estão desenvolvendo a capacidade de discernir o que é verdadeiro ou falso, bom ou mau, e colocá-las diante de uma tela cheia de possibilidades e informações é uma porta aberta para diferentes perigos”.

SUGESTÕES DE IMAGENS:

Crianças utilizando eletrônicos, como celulares, tablet, computadores.

Crianças brincando com outras crianças.

Incluir imagens da entrevistada com o celular e no computador, mostrando, conversando, explicando. Fora as imagens da própria entrevista. Enquanto ela explica ela pode mostrar também, estar com um celular ou um computador e ir demonstrando algo, se for necessário.

Se precisar demonstrar e ficar ruim acontecer no exato momento da fala, pode gravar a fala e depois pegar imagens do que a fala queria demonstrar. Na edição cobre a parte da fala com as imagens gravadas depois.

Todas as dicas dadas pela psicopedagoga, de jogos, sites e canais no YouTube, devem aparecer na tela.

APÊNDICE C: PAUTA

PROGRAMA: Jornal Infantil

RETRANÇA: AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA/ IMPORTÂNCIA

TIPO: Reportagem

REPÓRTER: Elisângela Marinho

PRODUTORES: Elisângela Marinho

EDITORIA: Esporte

ENTREVISTADO/ IDENTIFICAÇÃO: Professor de educação física do Colégio Nossa Senhora de Lourdes Weverton Bandeira. A entrevista com o professor acontecerá na quarta-feira 04/10 às 15h00min no ginásio da Lourdinás. Professor Weverton Bandeira (83) 9 9950-5666.

ENTREVISTADO/ IDENTIFICAÇÃO: Atleta Richard Caldeira, praticante das modalidades esportivas corrida e handebol. A entrevista com o atleta acontecerá na quarta-feira 04/10 às 16h00min no ginásio da Lourdinás. Atleta Richard Caldeira 9 9669-0395.

ENDEREÇO: Colégio Nossa Senhora de Lurdes Rua Alcindo Bezerra de Menezes, 135, Centro – Monteiro/PB.

ENCAMINHAMENTO: Durante a gravação com o professor e o esportista estarão acontecendo os jogos do Infantil 1, nos quais crianças que possuem as idades do público alvo do nosso jornal, 7 a 10, estarão participando de várias modalidades. Deve ser aproveitada a oportunidade para interagir com as crianças perguntando se elas gostam de praticar atividades físicas, se acham importante e por quê.

É importante que o professor de educação física destaque a importância das aulas de educação física na vida de uma criança, os benefícios para a saúde e para a formação de um cidadão de bem.

O atleta pode contar sua história no esporte e como as aulas de educação física contribuíram para se destacar no mundo esportivo. Também pode ser destacado pelo esportista como as práticas esportivas fazem ele cuidar mais da saúde e como o ajudam a ser um cidadão melhor.

O nosso objetivo é mostrar para as crianças que as aulas de educação física são de extrema importância e que essa disciplina traz inúmeros benefícios para a sua vida. E que através de práticas esportivas é possível transformar a realidade em que se vive.

POSSÍVEIS PERGUNTAS AO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

Qual a importância das atividades físicas na infância?

Quais são suas estratégias para que as crianças vejam a importância da disciplina de educação física em suas vidas?

O senhor nota que as crianças gostam de praticar atividades físicas? Ou o senhor nota uma certa resistência para isso?

No tocante a saúde da criança, como a aula de educação física pode contribuir?

Como as práticas esportivas na infância podem contribuir para a formação de um cidadão consciente de seus deveres e direitos?

POSSÍVEIS PERGUNTAS AO ESPORTISTA RICHARD:

Como começou a sua história com o esporte?

Como as aulas de educação física te ajudaram a se destacar no esporte?

O que você já conquistou através do esporte?

Como o esporte contribuiu para a formação da pessoa que você é hoje?

As aulas de educação física te ajudaram a dar uma atenção especial a sua qualidade de vida?

O que você pode falar às crianças sobre a importância da educação física na vida delas?

POSSÍVEIS PERGUNTAS PARA AS CRIANÇAS:

Gostam de praticar esporte?

Por que?

Vocês acham importante praticar esporte?

Por que?

INFORMAÇÕES: A prática da educação física contribui para a saúde e bem-estar, estimulada na infância colabora para o crescimento saudável da criança bem como ensina bons princípios ajudando na formação moral e intelectual.

As aulas de educação física oferecem à criança a oportunidade de mover-se. As atividades físicas despertam o interesse pela vida saudável. A disciplina de educação física é uma das que mais apresenta aspecto preventivo. Ao praticar atividades físicas os alunos podem melhorar a saúde e diminuir riscos de doenças como a obesidade, hipertensão arterial, colesterol alto e doenças respiratórias.

As atividades físicas na escola podem ser vistas como uma oportunidade de desenvolver as potencialidades de cada um. É preciso acreditar na força do esporte na vida de uma criança que pode transformar a realidade em que vive através de práticas esportivas.

As práticas de educação física na escola ensinam as crianças a conviver com regras, elas descobrem o significado da vitória e também da derrota e aprendem a importância da coletividade em modalidades que estimulam tal ato. Bem como ajuda o aluno a conhecer e a compreender as mudanças e o limite do próprio corpo. E será uma base para que as crianças possam lidar com os desafios que a vida oferece durante toda a existência.

SUGESTÕES DE IMAGENS:

Devem ser gravadas imagens das modalidades que estiverem sendo praticadas enquanto a equipe de reportagem estiver no local, quanto maior o número de imagens sobre a variedade de modalidades esportivas praticadas mais enriquecida ficará a reportagem.

É importante mostrar imagens de crianças alegres ao praticarem as atividades esportivas. As crianças também podem ser mostradas na arquibancada torcendo pelos amigos, comemorando algum gol, ou ponto marcado, a depender da modalidade. O intuito é mostrar como o esporte traz interação entre as pessoas e divertimento.

APÊNDICE D: PAUTA

PROGRAMA: Jornal Infantil

RETRANCA: ALIMENTAÇÃO/ SAUDÁVEL/ CRIANÇAS

TIPO: Reportagem

REPÓRTER: Elisângela Marinho

PRODUTORES: Elisângela Marinho

EDITORIA: SAÚDE

ENTREVISTADO/ IDENTIFICAÇÃO: Nutricionista Abel Cândido. A entrevista com o nutricionista acontecerá na quinta-feira 11/10 às 15h00min na casa do mesmo.

Nutricionista Abel Cândido (83) 9 9921-9942

ENDEREÇO: Rua José Torres, 82 – Centro – Monteiro/PB

ENCAMINHAMENTO O nutricionista vai ensinar uma receita saudável, saborosa e prática para a repórter Pétala Arcílio. O foco é estimular a alimentação saudável que contribui para o bom desenvolvimento físico e intelectual da criança.

Devemos mostrar como é divertido estar na cozinha, sempre acompanhado de um adulto, isso deve ser frisado com ênfase. Bem como é importante se alimentar bem, o nutricionista pode falar os benefícios daquele alimento que ele está preparando e contar um pouco da história de cada um desses alimentos, para que as crianças entendam que a alimentação saudável é de extrema importância, e que podem se tornar crianças saudáveis e inteligentes a partir daquilo que comem. É fundamental destacar que alimentos saudáveis também são muito saborosos.

Também pode ser falado sobre os alimentos de baixo ou nenhum valor nutricional que geralmente as crianças comem, é importante frisar que esses alimentos podem causar doenças nessas crianças se forem consumidos com exagero.

POSSÍVEIS PERGUNTAS PARA O NUTRICIONISTA:

Qual a importância da alimentação saudável na infância?

Quais alimentos consumidos em excesso podem fazer mal a saúde?

Que tipo de mal esses alimentos citados podem trazer?

Quais os alimentos indicados para as crianças de 7 a 10 anos?

INFORMAÇÕES: Hoje as crianças estão sujeitas à inúmeros alimentos com pouco ou sem nenhum valor nutricional, que inclusive, devido ao consumo excessivo, podem causar doenças; como hipertensão, diabetes, obesidade entre outras.

A obesidade entre crianças de menos de cinco anos chegou ao número de 41 milhões em 2014. Um milhão de crianças sofre com a diabetes no Brasil segundo dados do IBGE divulgados em 2015 e cerca de três milhões de crianças e jovens dos 3 aos 18 anos de idade sofrem de hipertensão no país.

A alimentação saudável é imprescindível em qualquer fase da vida, e se torna ainda mais importante na infância porque contribui para o desenvolvimento físico e intelectual das

crianças. Promover uma alimentação saudável desde cedo é extremamente importante para a saúde a curto e longo prazo. A boa alimentação é uma forma de prevenção de doenças.

SUGESTÃO DE IMAGENS:

Toda a interação da repórter com o nutricionista deve ser evidenciada.

APÊNDICE A: OFF VIOLÊNCIA SEXUAL

CABEÇA DO APRESENTADOR

VOCÊ JÁ OUVIU FALAR SOBRE VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS?
ESSE É UM ASSUNTO QUE MERECE A SUA ATENÇÃO

REPORTAGEM

OFF: VOCÊ JÁ DEVE TER OUVIDO FALAR SOBRE VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS/ NA ESCOLA/ NA TELEVISÃO/ OU AINDA NA INTERNET./ NO BRASIL, O DIA 18 DE MAIO É O DIA NACIONAL DE COMBATE AO ABUSO E A EXPLORAÇÃO SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES, MAS VOCÊ SABE O QUE É ISSO? //

PODEMOS COBRIR ESSA CABEÇA COM IMAGENS DE CAMPANHAS QUE PASSAM NA TV, AQUELES CARTAZES QUE FICAM EM ALGUM ORGÃO, POSSO VER SE ALGUMA ESCOLA AQUI EM MONTEIRO TEM CARTAZES E PEGO A IMAGEM E CAMPANHAS DA INTERNET.

OFF: PARA ENTENDER MELHOR O ASSUNTO/ O PSICOLOGO GABRIEL ROLIM, FALA SOBRE A IMPORTÂNCIA DE CADA PARTE DO NOSSO CORPO//.

SONORA:PSICOLOGO GABRIEL UTILIZANDO UMA BONECA PARA EXPLICAR A IMPORTÂNCIA DE CADA PARTE DO CORPO. (AUDIO C0027 1MIN18SEG ATÉ

1MIN31SEG) DEPOIS (AUDIO C0027 1MIN35SEG ATÉ 1MIN55SEG) DEPOIS (AUDIO C0027 2MIN6SEG ATÉ 2MIN25SEG).

OBS: OS TRÊS AUDIOS DÃO SEQUENCIA AO MESMO ASSUNTO

OFF: A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS É UM ASSUNTO MUITO SÉRIO/ E VOCÊ DEVE FICAR ATENTO./ A DELEGADA LAURA FONSECA, QUE AJUDA AS CRIANÇAS QUE JÁ PASSARAM POR ISSO, DIZ COMO PODEMOS IDENTIFICAR O PROBLEMA.//

SONORA:DELEGADA LAURA FONSECA. (AUDIO C0022 2MIN4SEG ATÉ 2MIN30SEG) DEPOIS (AUDIO C0022 3MIN24SEG ATÉ 3MIN33SEG)

OBS: OS DOIS AUDIOS DÃO SEQUENCIA AO MESMO ASSUNTO

OFF: MAS VOCÊ SABIA QUE EXISTEM OUTROS TIPOS DE VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS?

SONORA:PSICÓLOGOFALANDO DE OUTROS TIPOS DE VIOLÊNCIA SEXUAL. (AUDIO C0025 4MIN10SEG ATÉ 4MIN43SEG)

PASSAGEM: EM MONTEIRO EM 2016, ANO PASSADO, 12 CRIANÇAS PASSARM PELO PROBLEMA/ E ESTE ANO, JÁ SÃO 5 CRIANÇAS VÍTIMAS. / **(MOSTRAR ISSO DE FORMA LÚDICA PODE SER EM UM QUADRO).**

MAS EXISTEM FORMAS DE COMBATER ESSE PROBLEMA / , A PRIMEIRA COISA A SE FAZER É CONTAR PARA ALGUÉM. //

SONORA: DELEGADA(AUDIO C0024 19 SEG ATÉ O 43 SEG)

OFF: EXISTEM TAMBÉM ALGUNS LUGARES QUE VOCÊ PODE PROCURAR.//

SONORA: PSICOLOGO (AUDIO C0027 5MIN12SEG ATÉ 5MIN23SEG)

OFF: VOCÊ TAMBÉM PODE LIGAR PARA AS POLÍCIAS, CIVIL E MILITAR, QUE ESTARÃO PRONTAS PARA TE AJUDAR. //

SONORA: DELEGADA (AUDIO C0024 DO 43SEG ATÉ 1MIN02SEG)

Os OFFs devem ser cobertos com imagens de crianças brincando, as imagens não podem identificar essas crianças, imagens de crianças de costas, de pezinhos, de mãozinhas. Os números de telefones citados devem aparecer na tela, bem como imagens dos lugares que a criança pode procurar.

APÊNDICE B: OFF MATÉRIA INTERNET DICAS E CUIDADOS

CABEÇA DO APRESENTADOR

A INTERNET TÁ PRATICAMENTE EM TODO LUGAR E MUDOU O MUNDO./ MAS ASSIM COMO TUDO NA VIDA TEM O SEU LADO BOM E RUIM./ É PRECISO QUE SE TENHA MUITO CUIDADO PRA NÃO PASSAR MUITO TEMPO NO COMPUTADOR E ESQUECER DAS OUTRAS ATIVIDADES DA VIDA./

REPORTAGEM

OFF: O LUCCA NUNES DE SETE ANOS TEM TABLET, CELULAR, COMPUTADOR E ADORA NAVEGAR NA REDE./

SONORA- LUCCA

OFF: SE ELE PUDESSE PASSARIA O DIA TODO NA INTERNET./

SONORA- LUCCA

OBS: COBRIR OFFS COM LUCCA NA INTERNET

OFF: AINDA BEM QUE A MAMÃE DO LUCCA NÃO DEIXA ELE MUITO TEMPO NA INTERNET./ VOCÊ SABIA QUE USAR DEMAIS APARELHOS, COMO CELULAR,

TABLET E COMPUTADOR, PODEM CAUSAR DOENÇAS? A PSICÓLOGA ELIANE SANTA CRUZ VAI NOS CONTAR QUAIS PROBLEMAS PODEMOS TER SE USARMOS MUITO A INTERNET./

SONORA: PSICOLOGA- MALEFÍCIOS DO USO DEMASIADO DA INTERNET

OFF: EXISTEM OUTROS CUIDADOS QUE A GENTE DEVE TER AO USAR A INTERNET, PRINCIPALMENTE SE VOCÊ TEM REDES SOCIAIS, COMO INSTAGRAN, FACEBOOK, WHATSAPP./

SONORA: PSICOLOGA FALA SOBRE CUIDADOS COM AS REDES SOCIAIS

OFF: MAS SE NÃO POSSO FICAR O DIA TODO NA INTERNET, POR QUANTO TEMPO DEVO USAR?

SONORA: PSICOLOGA - QUANTO TEMPO É INDICADO PARA USAR A INTERNET DIARIAMENTE

OFF: MAS A INTERNET TAMBÉM TÁ CHEIA DE COISAS LEGAIS. A PSICOPEDAGOGA LUCIARA PAIVA DÁ VÁRIAS DICAS BACANAS DE SITES, CANAIS NO YOUTUBE E APLICATIVOS SUPER **EDUCATIVOS, PRA GENTE SE DIVERTIR E APRENDER./**

SONORA: LUCIARA- DICAS

OFF: FICAR NA INTERNET PODE SER MUITO LEGAL, MAS ESTAR PERTO DAS PESSOAS QUE A GENTE GOSTA, CONVERSAR, BRINCAR, TAMBÉM É MUITO BOM E IMPORTANTE PARA QUE VOCÊ SEJA SEMPRE UMA CRIANÇA MUITO FELIZ./

SONORA: LUCIARA - IMPORTÂNCIA DE BRINCAR E ESTAR COM OUTRAS PESSOAS PESSOALMENTE

FECHAR COM LUCCA TOCANDO SANFONA E MOSTRAR CRIANÇAS BRINCANDO

APÊNDICE C: OFF MATÉRIA AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA/ BENEFÍCIOS

CABEÇA DO APRESENTADOR

AGORA VEM CÁ! VOCÊ GOSTA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA? SÃO BEM DIVERTIDAS, NÉ VERDADE? E O MELHOR: ELAS FAZEM MUITO BEM PRA SAÚDE. ENTÃO, BORA VER NA REPORTAGEM? VAMO LÁ!

REPORTAGEM

MOSTRAR CRIANÇAS FALANDO SOBRE AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

OFF:SABE AQUELES SUPER-HERÓIS QUE VOCÊ GOSTA? COMO O HOMEM ARANHA E A LADYBUGUE? COM CERTEZA, PRA SEREM FORTES E SALVAREM O MUNDO, ELES PARTICIPARAM DAS AULAS DE ATIVIDADE FÍSICA NA ESCOLA./ UM MOMENTO DE MUITA DIVERSÃO E APRENDIZADO. /

MOSTRAR ESSE SUPER-HERÓIS FAZENDO ALGO FANTÁSTICO. MOSTRAR CRIANÇAS PRATICANDO ESPORTES.

OFF: AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA VÃO TE DEIXAR MAIS FORTE, RÁPIDO E SAUDÁVEL./ O PROFESSOR WEVERTON BANDEIRA CONTA PRA GENTE DE QUE FORMA ISSO ACONTECE./

SONORA: PROFESSOR- BENEFICIOS DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

OFF: SEM CONTAR QUE O ESPORTE CONTRIBUI PARA QUE SEJAMOS PESSOAS AINDA MELHORES

SONORA: PROFESSOR- COMO O ESPORTE CONTRIBUI PARA SERMOS CIDADÃOS MELHORES.

OFF: RICHARD CALDEIRA TEM 20 ANOS, E É ATLETA PROFISSIONAL./ TUDO COMEÇOU COM AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA./

SONORA: RICHARD- COMO COMEÇOU NO ESPORTE

OFF: RICHARD CONSEGUIU MUITAS CONQUISTAS ATRAVÉS DO ESPORTE./ E ISSO FEZ COM QUE ELE SE TORNASSE UMA PESSOA AINDA MELHOR./ MOSTRAR FOTOS DELE EM LUGARES QUE JÁ FOI E COM ATLETAS FAMOSOS.

SONORA- RICHARD- LUGARES QUE CONHECEU E COMO O ESPORTE O AJUDA A SER UMA PESSOA RESPONSÁVEL.

OFF: RICHARD HOJE SE PREOCUPA MAIS COM A SAÚDE E POR ISSO CONSEGUE CONTINUAR PRATICANDO OS ESPORTES QUE GOSTA./

SONORA: RICHARD- COMO O ESPORTE MELHOROU SUA SAÚDE

OFF: SE DIVERTIR E APRENDER É O MÁXIMO!!!/ ENTÃO CUIDE DA SUA SAÚDE E PRATIQUE ESPORTES./

COBRIR OFF COM CRIANÇAS PRATICANDO ESPORTE.

APÊNDICE D: OFF ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL

CABEÇA DO APRESENTADOR

TER UMA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL, COMER FRUTAS E VERDURAS, SABE? É MUITO IMPORTANTE NA FASE DA INFÂNCIA. COM UMA ALIMENTAÇÃO CORRETA VOCÊ VAI TER MAIS ENERGIA PRA BRINCAR, ESTUDAR E FAZER TUDO AQUILO QUE GOSTA./

POR ISSO A NOSSA REPÓRTER PÉTALA ARCÍLIO FOI APRENDER COM O NUTRICIONISTA ABEL CÂNDIDO UMA RECEITA SAUDÁVEL E MUITO GOSTOSA QUE PODE SER LEVADA COMO LANCHE PRA A ESCOLA. VAMOS CONFERIR?

SONORA- NUTRICIONISTA ABEL CÂNDIDO

<p>ELIANE SANTA CRUZ/ PSICÓLOGA</p> <p>LUCIARA PAIVA/ PSICOPEDAGOGA</p> <p>LUCCA SOUZA/ CRIANÇA</p> <p>ELISÂNGELA MARINHO/ CAMPINA GRANDE</p> <p>EDIÇÃO: WINNIE ARAÚJO</p>	<p>DEIXA: “A VIDA É ASSIM A GENTE SÓ APRENDE COM O OUTRO “</p>
--	--

APÊNDICE C: SCRIPT BENEFICIOS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

<p>TV</p>	
<p>Programa: JORNAL AQUERELA</p> <p>IMPORTÂNCIA</p>	<p>Assunto: AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA/</p>
<p>Editor: ELISÂNGELA MARINHO</p>	
<p>Data: 13/11/2017</p>	<p>Tempo: 4m00seg</p> <p>Redator: ELISÂNGELA MARINHO</p>

<p>(({ LOC VIVO }))</p> <p>ELISÂNGELA</p>	<p>ÁUDIO</p> <p>CABEÇA:</p> <p>AGORA VEM CÁ! VOCÊ GOSTA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA?/ SÃO BEM DIVERTIDAS, NÉ?/ E O MELHOR: ELAS FAZEM MUITO BEM PRA SAÚDE./ ENTÃO, BORA VER NA REPORTAGEM? VAMO LÁ!//</p>
--	--



APÊNDICE D: SCRIPT JORNAL AQUARELA

Jornal Aquarela

Edição: Winnie Araújo e Elisângela Marinho

Produção: Elisângela Marinho, Luciellen Lima, Raul Ramalho

Apresentação: Elisângela Marinho

OLÁ! O JORNAL AQUARELA ESTÁ NO AR!//

NOTÍCIAS, INFORMAÇÕES, HISTÓRIAS./ TUDO FEITO PRA VOCÊ QUE É CRIANÇA./ DÁ SÓ UMA OLHADA NO QUE A GENTE PREPAROU PRA ESSA EDIÇÃO.//

ESCALADA

VAMOS APRENDER VÁRIAS DICAS DE COMO USAR A INTERNET DE FORMA CORRETA.//

SAIBA COMO SE PREVENIR DE UM PROBLEMA MUITO SÉRIO CHAMADO VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS.//

A GENTE EXPLICA PRA VOCÊ PORQUE AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SÃO MUITO IMPORTANTES PARA A SAÚDE.//

E VAMOS APRENDER JUNTINHOS UMA RECEITA SUPER GOSTOSA E SAUDÁVEL PRA LEVAR COMO LANCHE PRA A ESCOLA.//

FICA AÍ QUE O JORNAL AQUARELA COMEÇA AGORA.//

O JORNAL AQUARELA TÁ TERMINANDO, OBRIGADA POR FICAR LIGADINHO E ATÉ A PRÓXIMA.//

APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO

Qual o tema principal da reportagem?

- Educação
- Violência
- Esporte
- Saúde
- Pessoas que ajudam outras pessoas
- Guerra

Onde acontece a reportagem?

- Paraíba
- Rio de Janeiro
- Síria
- Japão
- Monteiro

Você assiste telejornais?

- Sim
- Não

Você gosta de assistir telejornais?

- Sim
- Não

Com quem você assiste telejornais?

- Sozinho
- Com os pais
- Irmãos

Que horas você costuma assistir televisão?

- Manhã
- Tarde
- Noite

Vocês entendem as notícias que passam nos jornais?

- Sim
- Não

Que assuntos vocês gostam de ver na televisão?

- Esporte
- Educação
- Histórias
- Saúde
- Política
- Assuntos que falem de dinheiro

Vocês gostariam de ver crianças nos telejornais, apresentando, ou sendo repórter?

- Sim
- Não

